

FRANCISCO TOPA

FOLGUEDOS ESCATOLÓGICOS INÉDITOS
DO SÉCULO XVIII

— Versos de Entrudo em metáforas fedorentas,
uma *Peidorrada* e três *Peidologias*

Edição do Autor

Porto — 1998

Para Empar Espinilla Buisán,
que me ajudou a descubrir
esta margem da língua

ÍNDICE

Apresentação	7
Siglas e abreviaturas utilizadas	9
Normas de transcrição dos textos editados	11
I. Versos de Entrudo em metáforas fedorentas	15
II. <i>Adeus, Senhora, que eu parto</i> — Oito glosas anónimas e a variação carnavalesca de Domingos Monteiro	39
III. <i>A Peidorrada</i> , poema setecentista atribuído a Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes	57
IV. Uma <i>Peidologia Alfabética</i> em prosa, datada de 1706	75
V. Um <i>Peido Alfabético</i> em verso, datado de 1710	89
VI. <i>A Peidologia</i> de Domingos Monteiro	99
VII. Liras a certa Dama que cantava de noute por ambas as bocas	109

APRESENTAÇÃO

Multis dum precibus Iovem salutat
stans summos resupinus usque in ungues
Aethon in Capitolio, pepedit.
Riserunt homines, sed ipse divom
offensus genitor trinociali
adfecit domicenio clientem.
Post hoc flagitium misellus Aethon,
cum vult in Capitolim venire,
sellas ante petit Paterclianas
et pedit deciesque viciesque.
Sed quamvis sibi caverit crepando,
compressis natibus Iovem salutat.¹

Marcial, *Ep.*, Lib. XII, LXXVII

O epigrama de Marcial de que nos servimos como epígrafe, mais do que provocar no leitor empatia com a matéria abordada neste volume, visa antes de mais chamar a atenção para a atemporalidade da presença do tema eufemisticamente designado como *ventosidades* na literatura dita culta. É certo que, de repente, teríamos dificuldade em apresentar um grande número de exemplos de textos *de qualidade* de autores consagrados, embora, em contrapartida, nos não faltem exemplos noutros domínios do campo literário, a começar pelo da anedota. Provavelmente, o único exemplo evidente que seríamos capazes de apontar seria o texto em prosa de Quevedo *Gracias y Desgracias del Ojo del Culo*, de 1620.

Isto não desmente contudo a vitalidade do tema, apenas evidencia o silenciamento de que ele tem sido objecto por parte da instituição literária. Por razões a que não será alheio algum preconceito moral – disfarçado embora com o título de *gosto* ou de *bom gosto* –, esta literatura tem permanecido ignorada, arredada da leitura e do estudo. O principal objectivo deste volume é assim o de repor em

¹ Tradução: Enquanto saudava Júpiter com múltiplas preces, a cabeça inclinada para trás, levantado até à ponta dos pés, Etão, no Capitólio, soltou um peido. Os homens riram-se, mas o próprio pai dos deuses, ofendido, condenou o adorador a jantar em casa três noites. Depois deste escândalo, o pobre Etão, quando quer ir ao Capitólio, dirige-se antes às latrinas de Patérclio e peida-se dez e vinte vezes. Contudo, embora tenha tomado cautela com os seus estrépitos, saúda Júpiter com as nádegas contraídas.

circulação uma série de textos setecentistas – todos inéditos, à exceção de um –, mostrando que o tema a que se encontram vinculados, longe de comprometer a sua qualidade literária, oferece uma gama variada de motivos de interesse, sobretudo no domínio da história cultural e das mentalidades.

Como o leitor terá oportunidade de verificar, a abordagem do tema está com frequência associada aos jogos de Entrudo, constituindo uma manifestação adicional da inversão de valores que desde sempre tem estado associada a esse momento do ano. Também aqui o pretexto é representado pelas potencialidades cómicas do tema. Como se lê na composição editada no capítulo IV, o peido «É *Zombaria* porque, ainda que todos zombam do Peido, ele zomba de todos e vai passando assim zombando, sendo por este modo zombaria activa e passiva; se todos se riem dele, ele também se vai rindo de todos e se escagalha com riso e rebenta pelas ilhargas do cu, desfazendo-lhe todas as suas pregas e se alegra a almorreimas despregadas».

Mas o interesse de textos deste tipo é também literário. Alguns deles, para além de revelarem grande mestria técnica – ao nível, por exemplo, da manipulação da oitava-rima ou da tradicional quadra heptassilábica –, traduzem também uma surpreendente capacidade na utilização da linguagem metafórica.

Esperamos assim que este despretenso trabalho possa estimular noutros investigadores o interesse por esta área marginalizada da nossa literatura.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

Add – Additional (British Library)
an. – anónimo
BA – Biblioteca da Ajuda
BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BL – British Library
BM – Biblioteca Mindlin (São Paulo)
BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa
BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
Cod. – Códice (Biblioteca Nacional de Lisboa)
f. – fólho
LC – Library of Congress
Ms. – Manuscrito
P – Portuguese Manuscripts Collection (Library of Congress)
p. – página

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS EDITADOS

Conforme dissemos na *Apresentação*, publicamos no presente volume uma série de textos setecentistas, quase todos inéditos, razão por que nos parece útil apresentar previamente as normas gerais que seguimos na sua transcrição.

Como orientação global, optámos por actualizar apenas os traços gráficos que não têm implicação nas diversas vertentes da arte poética. Procurámos assim oferecer um texto crítico fidedigno, conforme ao *usus scribendi* dos autores e às convenções da época.

De forma mais específica, adoptámos as seguintes normas:

1. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual;
2. Simplificámos as consoantes geminadas, à excepção de *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda; do mesmo modo, eliminámos consoantes com valor meramente etimológico, como o *m* de *himno*;
3. Por se tratar de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia, eliminámos o *s* do grupo inicial *se-*;
4. Caso um tanto semelhante é ainda o dos grupos *-pt-*, *-ct-* e *-gn-*, em posição medial. Na generalidade dos testemunhos, predomina a forma culta, observando-se contudo que, ao nível da realização oral, é a forma assimilada que quase sempre se impõe. Assim, por exemplo, e ao contrário do que acontece actualmente na pronúncia padrão tanto do português europeu quanto do americano, alguns exemplos constantes dos testemunhos manuscritos parecem mostrar que o grupo *-gn-* seria realizado sob a forma de simples oclusiva nasal, razão que nos levou a manter grafias como *sino* (correspondente a *signo*);
5. O problema é sensivelmente o mesmo relativamente aos grupos *-bt-* e *-bm-*. Ao contrário do que hoje acontece na pronúncia padrão de Portugal, é convicção dos especialistas que, pelo menos até meados do século XVIII, tais grupos não passavam de meros latinismos gráficos, não sendo o primeiro elemento pronunciado, em palavras como *subtil* ou *submergir*. Optámos assim, respeitando os testemunhos, por grafar *sutil*;
6. Conservámos certas formas arcaicas de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das formas metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender*, *perçiso* ou *tromenta*;

7. Substituímos o *y* por *í*;
8. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de sílaba, com til antes de vogal;
9. Normalizámos a representação dos ditongos nasais: vogal seguida de *e* (e, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira. Actualizámos também as terminações *-om*, *-am* e *-ão*, dado que todas elas representavam o mesmo ditongo;
10. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais;
11. Recorremos ao trema para indicar determinados casos de diérese obrigatória, imposta pela métrica do verso em palavras em que habitualmente está um ditongo;
12. Também ao nível do vocalismo, conservámos formas arcaicas de grafias duplas, correspondentes a realizações alternantes, algumas das quais se mantiveram: a oscilação entre *ou* e *oi*, como em *noute* / *noite*; a oscilação entre *e* e *a*, como em *fantasia* / *fantasia*, ou *menhã* / *manhã*; ou ainda entre *e* e *o*, como em *fermoso* / *formoso*;
13. Conservámos certos arcaísmos morfológicos, como *comua*;
14. Distinguimos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação, e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;
15. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;
16. Regularizámos a utilização do hífen, designadamente no caso dos pronomes enclíticos e mesoclíticos;
17. Utilizámos o apóstrofo para indicar certos casos de elisão vocálica;
18. Regularizámos o uso dos acentos;
19. Em atenção ao *usus scribendi* dos autores e aos hábitos da época, conservámos maiúsculas não justificáveis gramaticalmente, atendendo também ao seu possível valor expressivo;
20. Ao nível da pontuação, procurámos estabelecer um compromisso entre os possíveis hábitos dos autores e da época e as normas actualmente em vigor. Limitando ao máximo a nossa intervenção nesta matéria, tentámos evitar, por um lado, a descaracterização do texto neste particular e, por outro, a introdução de sinais susceptíveis de denunciarem uma leitura que fosse muito mais a nossa que aquela que o autor pudesse ter tido em mente. É que, não o podemos esquecer, a pontuação é, em grande medida, uma questão que está do lado da *interpretatio*. De qualquer modo, e dado entendermos que a pontuação deve pautar-se por um critério essencialmente sintáctico, decidimos eliminar dois traços característicos da escrita da época, ambos respeitantes à utilização da vírgula antes de conjunções: perante a conjunção copulativa *e*, só a mantivemos nos casos em que o uso moderno a aconselha; perante a partícula *que* – que pode cumprir diversas funções morfossintácticas – também optámos por mantê-la apenas nos contextos previstos pela norma actual.

No caso dos textos editados nos capítulos IV, V e VI, houve alguns vocábulos que não foram objecto de actualização ortográfica: a forma do *ABC* utilizada em tais composições torna obrigatória a conservação de grafias como *Encenso*, *Horvalho*, *Huivo* ou *Orizonte*.

Intervenções mais específicas serão indicadas nos momentos respectivos. A apresentação dos textos também não será rigorosamente uniforme, dependendo da natureza dos mesmos. Os textos em verso, surgirão numerados de 5 em 5, com os algarismos colocados à esquerda. As emendas conjecturais virão devidamente assinaladas no corpo do texto: as adições serão indicadas por intermédio de colchetes, ao passo que as chavetas assinalarão as supressões. Todas as emendas que não digam respeito a meros lapsos serão devidamente justificadas no aparato, sendo a chamada feita a partir do número do verso. O mesmo acontecerá relativamente às restantes notas que se revelem necessárias.

I. VERSOS DE ENTRUDO em metáforas fedorentas

Os 23 textos – todos anónimos – que aqui editaremos fazem parte de um «Appendix de obras burlescas e graciosas para o tempo do Carnaval», que ocupa as pp. 602-649 de uma miscelânea manuscrita intitulada *Poesias*, pertencente à biblioteca do Dr. José Mindlin, de São Paulo.

Creemos que a leitura de tais textos provocará no leitor a mesma perplexidade que experimentámos no primeiro contacto com eles. Na verdade, mais do que o *choque* – de vários tipos – que a sua linguagem escatológica fortemente disfémica poderá ocasionar, a grande surpresa destas composições reside na notícia de uma prática associada ao Entrudo pouco ou nada conhecida: num exercício adicional da inversão de valores associada ao tempo carnavalesco, trata-se de poemas cuja tónica dominante é a expressão de afectos traduzida na oferta dos vários produtos da actividade excretória. A explicação mais cabal vem na peça n.º XXIII, um texto em prosa intitulado *Carta de Entrudo*: «É neste tempo a política mais fina explicar afectos e venerações por frases fedorentas», sendo que «a asneira é obséquio e a merda debique». Ou, como se lê na cantiga que encerra a carta, «Neste tempo tudo é merda,/ Minha vida, não te enfades;/ Peidinhos e cagalhões/ São palavrinhas mui graves». Portanto, e ao contrário do que possa parecer a uma primeira vista, não se trata da expressão de um *desvio* sexual, mas antes de um simples folgado carnavalesco, como o confirma a peça n.º XII: «É dos crimes mais atroz/ Falar sério pelo Entrudo;/ Todo o que estiver sisudo/ Terá para o seu almoço/ Mil cagalhões pelo grosso,/ Mil peidos pelo miúdo». Não conhecemos nenhuma referência a esta prática poética carnavalesca, pelo que não é possível definir o seu âmbito cronológico. De qualquer modo, é possível pelo menos supor que os textos em questão, apesar de não virem datados, foram escritos no final do século XVIII, dado que um deles – a glosa iniciada pelo verso «Nise, ouço as tuas razões», que editaremos e comentaremos no capítulo seguinte – é sabidamente de um autor setecentista, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral (1744-1830).

Passando a uma caracterização um pouco mais pormenorizada do conjunto, devemos começar por notar que, à excepção do texto final, todas as composições são em verso, havendo um domínio nítido da décima heptassilábica. Com efeito, há 13 poemas que correspondem a essa forma estrófica (n.ºs IV-VIII, X-XIV, XVI, XVII e XX), presente ainda nas três glosas do conjunto (n.ºs IX, XXI e XXII). Em todos os casos, o modelo adoptado é o da décima espinela, caracterizada pelo esquema rimático *ABBAACCDDC*. Outra forma poética

representada é a silva (textos n.ºs I e II), com a característica alternância de decassílabos e hexassílabos, num esquema irregular. A sua estrofação é também irregular, ao passo que, do ponto de vista rimático, a rima emparelhada é aplicada quase sem exceções. Refira-se que ambas as silvas – mas sobretudo a primeira – apresentam vários erros de metrficação. Temos ainda dois epílogos (textos n.ºs XV e XVIII), ambos formados por dois únicos conjuntos estróficos: um quarteto de decassílabos brancos, cuja última palavra vem destacada na linha debaixo; e um quarteto de heptassílabos do tipo *ABBA*, cujo último verso resulta da recolha das palavras finais da estrofe anterior. Por último, temos um soneto (n.º III) e um poema apresentado como *Cantigas* (n.º XIX), constituído por 14 quadras heptassilábicas do tipo *ABCB*, pontuadas por uma espécie de refrão.

O conteúdo da maioria das composições pode ser avaliado a partir do primeiro texto, uma silva que reveste a forma de carta dirigida à «amada Filena». Os versos iniciais definem de imediato o tom do poema: «Cuja graça e bom modo/ Levou os olhos do cu ao mundo todo,/ Pois tendes ar que, presumido,/ Vos faz ventosidades de Cupido,/ Com que, em beleza, gala e cor/ Podeis ser caganeiras do amor» (vv. 3-8). De facto, o essencial do texto resume-se na enumeração do variado leque de iguarias escatológicas que o enunciador oferece à sua amada. O principal interesse desta enumeração reside no processo metafórico que acompanha a nomeação e caracterização de alguns dos presentes, como é o caso do folhado «Com manteiga de bufas amassado», dos «sequilhos do sesso» ou das «trouxas de ovos de almorreimas». A silva seguinte segue uma orientação semelhante, sendo porém de destacar as referências metapoéticas que a pontuam, marcadas pelo mesmo humor escatológico: «Não há versos melhores;/ Hoje fico um Poeta dos maiores,/ Nenhum aduba o verso com mais graça» (vv. 129-131).

Os poemas em décimas seguem também a orientação do conjunto, valendo contudo a pena chamar a atenção para o modo como uma das glosas (n.º XXI) parodia um mote lírico bastante corrente («Ó rio que vás correndo,/ Passa a ver o bem que adoro;/ Se te faltarem as águas,/ Leva as lágrimas que choro»), imprimindo-lhe um conteúdo escatológico.

Merece ainda referência o soneto (texto n.º III), que exemplifica bem a quebra de barreiras sociais proporcionada pelo Carnaval. Concebido como diálogo burlesco entre um casquilho e uma cozinheira, há nele referência a algumas brincadeiras de Entrudo, como se pode ver pela tirada final da segunda interlocutora: «Beije-me aqui no cu, também sou gente,/ Também quero deitar o Entrudo fora».

Por último, uma chamada de atenção para as *Cantigas* (texto n.º XIX), cujo mote é dado pelo primeiro verso: «Quero cagar por meu gosto». De facto, o texto consiste numa longa enumeração dos produtos excretórios, pontuada de *nonsense*: «Também cago ferros velhos,/ Té caguei um espadim;/ Fiz o cu em mil pedaços, todos tenham dó de mim» (vv. 13-16).

I.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 602-609 (an.)

Silva

Minha amada Filena,
Causadora do mal que amor ordena,
Cuja graça e bom modo
Levou os olhos do cu ao mundo todo,
5 Pois tendes ar que, presumido,
Vos faz ventosidades de Cupido,
Com que em beleza, gala e cor
Podeis ser caganeiras do amor;

Já que hoje tão gaiteira
10 Estais em a beleza por primeira,
Eu, que vos conheço pela pinta,
Sei que estais bem na vossa quinta,
E assim a pedir-vos me animo,
15 Que {a}inda que mal composto,
Sei que é do vosso gosto,
Pois em cousas de merda sois tão louca
Que só para ela tendes boa boca.
Ide aguçando os dentes,
20 Que os mais destes bocados irão quentes;
E não os comereis, como se diz,
Só com a testa, senão com o nariz.

Vai tudo abafadinho
Nessa fralda de linho,
Que para o cobrir basta,
25 Pois vai de merda tudo em uma pasta;
E porque limpar-vos nela vos não toca,
Vai também guardanapo para a boca,
Que no cheiro e brandura de um cetim,
Pois acabou de servir de escarpim
30 Ao mais gordo almocreve
Que a nossa terra teve,
Cujo pé deu de mau fora de chança
Ao mesmo pé do grão suor de França.

Por princípio vos mando esta selada,
35 Que {a}inda que é feita de hera, é asseada,

Pois foi cada folha, porque vo-la conte,
Mui bem lavada dentro em uma fonte.

40 O que mais vos encareço
É o vinagre, porque não tem preço,
Que me veio em um odre
Em que nunca entrou mais que mijo podre;
Essas talhadinhas comereis primeiro,
Que farão mechas já de um cu dureiro.

45 E o que também vos gabo
É que leva a selada também rabo,
E não vos ofendais quando me atreva
A dizer que a selada rabo leva,
Pois se o comeis no cabo,
Também a vossa boca leva rabo.

50 Vai por prato primeiro
Esse quarto traseiro
De vitela, que foi bem estremada,
Com peidos lardeada;
E do molho é um néctar cada pinga,
55 De cagalhões desfeitos com seringa.

Vai o segundo prato deleitoso
Do assado mais gostoso,
Em que o meu desenfado vos ordena
Comais por ave cagalhões de pena;
60 Guarnecido, por ir mais concertado,
Vai de lombrigas miúdas este assado.

Vão dez línguas de porco fedorento
Cevadas na secreta de um convento,
Mui gordas e miúdas,
65 Todas cozidas vão no cu de Judas.

Vão mais esses pastéis, que vos envio
Recheados de bichos de bacio,
E reparai na delícia do folhado,
Com manteiga de bufas amassado.
70 E essa empada Inglesa
Vos basta somente para a mesa:
Leva em si vinte e seis castas de merda,

43. dureiro – que tem evacuações difíceis.

E não ficais de perda,
Porque a primeira cama
75 É de merda de mama,
E a segunda, posto que miúda,
É de merda de ajuda;
E essas talhadas que parecem cardo,
São merda de um Bernardo,
80 Que para que vos toque
Vos dou, minha menina, este remoque.

Leva mais {a}inda quentes
Doze cursos de sorvas excelentes;
Enfim, por toda a parte
85 Leva merda que farte.
Porque no meio leva em conclusão
O mais desaforado cagalhão,
Que cagou com trabalho, a puro puxo,
Um Sacristão capucho,
90 Que depois de cagado
Se virou para ele admirado,
E lhe disse, ardendo em calma:
– «Cagalhão da minha alma,
Todo o cu me deixas esfolado,
95 Mas o trabalho dou por bem empregado,
Pois o mais horrendo
Cagalhão que caguei dêis que me entendo,
C'o recheio que leva de barato,
É de merda de gato»;
100 Dando muita graça,
Por entre tanta merda, muita passa.

Mas de carne isto baste,
E porque o vosso apetite não se agaste
De que lhe falta doce,
105 Ou comais com vontade, ou sobreposse,
Vão esses ricos bolos da esperança,
Que são fora de chança.

Doze bozeiras boas,
Cagadas pelos cus dos Caldeiroas,
110 E vão vinte tigelinhas bem ornadas,
De manjar amarelo preparadas,

77. ajuda – mezinha, clister.

E ainda fumegando com presteza
Do fedor da espremida Natureza.

115 E porque vos regala,
Vai cheio esse boião de merda rala;
Se a não achardes boa, minha flor,
Cá para trás tereis outra melhor.
E porque sei o quanto, minha vida,
Sois por manjar real tão bem perdida,
120 Vão bem feitas e belas
Essas oito tigelas,
Que sendo o manjar vosso
É real, e segurar-vos posso
Que cada um é tal
125 Que não leva melhor doce o cano real.

Enfim, nesse cestinho vos ofereço
Mil sequilhos do sesso,
E por boas para as fleimas
Essas trouxas de ovos de almorreimas.
130 E porque em doce mágoa
Me não choreis por água,
Cago a que vós bebereis por capricho,
E vos saía do meu cu como de esguicho,
Porque só vós sois capaz
135 De sorver todo o mundo por detrás.

Ora, ide embora, minha Senhora,
Ficai-vos em boa hora;
E já que o vosso desejo é tão guloso,
Comei sobre a cabeça de tihoso.
140 E enquanto comeis o mimo que vos mando,
Muito mais para vós fico cagando.

II.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 610-617 (an.)

Silva

Muito minha Senhora,
Chegou a feliz hora

De ir o meu coração fiel e amante
A vossos pés fazer o seu rompante.
5 Em primeiro lugar, sabeis que estimo
Quanto a fortuna vos fizer de mimo;
Em segundo lugar (oh, Deus me ajude!),
Que vos desejo próspera saúde;
Em terceiro lugar, também quisera...
10 Mas não sei o que quero, foi quimera
Que o pensamento urdia
Para fazer; mas, ai!, que grande dia,
Dia grande, em que o verso retumbando...
Não creia o que lhe digo, estou zombando;
15 Porém, se dais licença,
Eu vos digo o que quero sem detença.
Desejo certamente
Mandar-vos neste instante um bom presente,
Contra aquele rifão que em muitos anda
20 Que diz «que quem quer vai, e quem não quer manda».
Como há dias que nele andei cuidando,
E muitos dias há que estou cagando,
Agora vos ofereço essas empadas,
Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
25 Tudo bem recheado
De merda que até 'qui tenho cagado.
Vai reparando bem neste presente,
Que há-de causar inveja a muita gente;
E não deixes também de ir reparando
30 Nos gostos destes versos que te mando;
Grande presente e versos nesta hora,
Parece que isto vai de bota fora.
Ninguém em fazer versos me derruba,
Pois ninguém melhor que eu o verso aduba.
35 Agora até proponho este argumento,
E verás se não tem bem fundamento:
Assim como o presunto na panela
Em lhe fazer melhor gosto q' a canela,
Assim o cagalhão entre a bacia
40 Lhe dá muita mais graça e valentia.
Se a consequência é certa e tu aprovas,
Não te falta que ouvir nas minhas trovas.
De novo a fazer versos entro agora,
E suponho, Senhora,
45 Que serão os meus versos celebrados
Aqueles que mais forem bem temp{e}rados.
Adubemos o verso, e de que modo,

Com merda tens o verso e adubo todo;
Mas tornando ao presente, antes que esqueça,
50 Juntamente vos mando essa condessa,
Cheia de cagalhões, peidos e bufas;
E se por pouco contra mim te entufas,
 Não me negues teus olhos,
Que ainda mais te darei peidos aos molhos.
55 Uma vez, com efeito,
Caguei um cagalhão por teu respeito,
 E muitos mais cagara
Se o teu nariz no cu não o atalhara.
És capaz de dizer que nesta empresa
60 Foi fineza de merda esta fineza;
 Não importa que o digas
E o que vás espalhar pelas amigas.
 Vai mais um tabuleiro
Cheio de covilhetes, e o primeiro
65 É doce de bem fama,
Que é merda de menino inda de mama;
 Acharás no segundo,
Quando lá chegares para o fundo,
 Um par de godilhões,
70 Que deitei entre vinte cagalhões;
Acharás no terceiro, para o cabo,
Carapetas do cu, sumo do rabo;
O quarto, porque sei que te regala,
É somente que vai de merda rala.
75 Os mais não têm dif{e}rença em qualidade,
 Porque são na verdade
 De merda de uma ajuda,
Por isso acharás merda miúda.
 O mais que me amofina
80 É não poder mandar-te merda fina,
Que por mais que me esprema quanto possa
Toda a merda que cago é merda grossa.
 Vai mais esse cartucho
De sequilhos do sêso de um capucho;
85 Se queres que te diga,
Foram feitos no forno da barriga.
Vão mais três pastelinhos de picado
De miolo de tripa, e é bocado,
 Neste tempo presente,
90 Que faz abrir a boca e aperta o dente.
 Vão mais essas bocetas
Daquilo que costumam levar pretas

Quando vão para a praia
 C'uma mão no bacio, outra na saia.
 95 Vão mais essas tigelas
 De merda especial para as goelas.
 Vão mais esses bocados
 De merda seca como rebuçados;
 E não seria bem que isto não fosse,
 100 Que é remédio excelente para a tosse.
 Vai mais esse cortiço,
 E leva dentro um cagalhão roliço,
 Que partido em talhadas
 É melhor que fatias serenadas.
 105 Vai mais essa bandeja,
 Que o meu amor deseja
 Prover dos massapões do pé de muro,
 Receita especial de vale escuro.
 Não repares no pouco que remeto,
 110 Que é somente um sinal do meu afecto.
 Ai, Senhora desta alma,
 Não te esqueças de quem com frio e calma
 Por ti suspiros dá com tanto excesso
 Que às vezes lhe sai fora todo o sesso.
 115 De cócoras me ponho amiúdo,
 E só por teu amor faço isto tudo,
 Fazendo mil caretas,
 Cagando redondinhas carapetas.
 Repara neste excesso, olha que teimas,
 120 Que até por teu amor crio almorreimas!
 Os teus lindos agrados,
 Desta alma e coração muito estimados,
 Quando sem eles passo,
 De caganeira todo me desfaço;
 125 E porque meu amor sente esta perda,
 Se corresponde com muita merda.
 Oh, que engraçado verso e tão valente!;
 Leva adubo e conserva juntamente.
 Não há versos melhores;
 130 Hoje fico um Poeta dos maiores,
 Nenhum aduba o verso com mais graça;
 Por mais fossa que faça,
 Em dando somente ao corpo um jeito,

107. massapão – bolo de forma redonda, composto de farinha, amêndoas, ovos, etc.; em sentido figurado, o excremento humano, que apresenta a forma desse bolo.
 pé de muro – parte inferior do muro.

135 Faço todo o meu verso mui bem feito.
 Só Culambas, Cagado e Fedorento,
 Que foram três Poetas de talento,
 Nos romances e silvas que fizeram
 Bem merda com' a minha lhe puseram.
 À vista do que exponho,
 140 Que hás-de fazer, minha amiga? Já suponho
 Não te mostres ingrata
 A quem com tanto amor assim te trata.
 Muito mais te quisera,
 Se mais de um coração em mim houvera;
 145 E se desta verdade duvidares,
 Caguei-me todo até aos calcanhares.

III.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 618 (an.)

ambos Rogos de um casquilho, para uma cozinheira o não molhar. Diálogo entre

Soneto

Casq. Dá licença, Senhora Cozinheira?
 Não me esguiche, que eu de água nada gosto.
 Coz. Ai! Passe, meu Senhor, passe a seu gosto,
 Não tema que lhe molhe a cabeleira.
 5 Casq. Ó bêbada, não vê que vou composto?
 Deu-lhe em molhar a gente a borracheira?
 Coz. Se o molhar-lhe o vestido foi asneira,
 Dispa-se; ficará mais bem disposto.
 10 Casq. Forte pouca vergonha! Ande, insolente,
 Vá servir a seus amos, vá-se embora.
 Deus perdoe a quem brincos tais consente.
 Coz. Não faça caso disso por agora;
 Beije-me aqui no cu, também sou gente,
 Também quero deitar o Entrudo fora.

IV.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 619 (an.)

Décima

Em certa menhã despido
Vi um rapaz mui galante,
E logo pelo semblante,
Conheci que era Cupido.
5 Disse-lhe, compadecido:
– «Coitadinho! Que tens tu?
Em dia tão frio, nu?»
Respondeu-me o travesso:
– «Vá beber da merda sesso,
10 Meta-me o nariz no cu».

V.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 620 (an.)

Resposta pelos mesmos consoantes

Décima

Hás-de estar aí despido
À vergonha. Estás galante!
Não escondas o semblante,
Vejam todos que és Cupido.
5 Já ninguém, compadecido,
Te pergunta que tens tu.
É benfeito estejas nu,
Já que és mau e travesso.
Eu, vestir-te? Caguei sesso,
10 Ora beija-me no cu!

VI.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 621 (an.)

Uma Dama, mandando as Décimas antecedentes, se lhe mandou em resposta a seguinte

Décima

Vi ontem, quase sol posto,
Uns versinhos bem galantes,
Mas lá tinham consoantes
Fora de todo o bom gosto.
5 Quando os li, virei o rosto,
Pois tais versos aborreço,
Muito mais notando o excesso
De poder ver-se inda agora,
Na boca de uma Senhora,
10 Peido, merda, cu e sesso.

VII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 622 (an.)

Décima

É tempo, prenda querida,
De cagar no teu focinho;
Chupa mais este peidinho
Que te dou por despedida.
5 Não fiques aborrecida
Com cagada tão tremenda,
Pois é a tua merenda:
Cagalhões com seus peidinhos,
Cagadas a puxozinhos,
10 Para a tua sobremesa.

VIII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 623 (an.)

Décima

Senhora, se se conhece
Na cara quem tem lombrigas,
Que a vossa teve bexigas
Bem mostra no que parece.
5 Porém saber de vós carece
A um Reverendo Padre
Uma certeza que quadre:
Dizei, sem modos agrestes:
Das bexigas que tivestes
10 Aonde vos fica a madre?

IX.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 624 (an.)

Resposta no seguinte

Mote

No cu para vós beijares.

Glosa

No tempo em que fui criança,
Tive bexigas aos centos,
E foram tais os tromentos
Que fiz da pele mudança.
5 Mas inda tenho a lembrança
Que eram bexigas a pares,
E das covas singulares
Que o meu corpo conservou,
Só a madre me ficou
10 *No cu para vós beijares.*

X.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 625 (an.)

Décima

Caguei, amores, agora
Um cagalhão bem roliço;
Aí to mando num cortiço
Que me veio de Samora.
5 Isto de merda, por hora
Bastarão mais dois bacios,
Que para os teus desfastios
E para mais te fartar,
Me pus ontem a cagar
10 Para quem está lá fora.

XI.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 626 (an.)

Décima

Meu amigo, hoje me toca
Mui bons conselhos vos dar:
Não comais muito ao jantar,
Metei dois peidos na boca.
5 Mas se a fome vos provoca
E quereis comer seguro,
O melhor é, eu vos juro,
Quando a Mesa finaliza,
Pessegada de camisa,
10 Massapões de pé de muro.

XII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 627 (an.)

Décima

Caguei (aqui para nós),
Ninguém me diga que não,
Senão chupa um cagalhão
E de merda uma filhós.
5 É dos crimes mais atroz
Falar sério pelo Entrudo;
Todo o que estiver sisudo
Terá para o seu almoço
Mil cagalhões pelo grosso,
10 Mil peidos pelo miúdo.

XIII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 628 (an.)

Décima

Com lamentável desgraça,
Hoje se vê sem segundo
O terror maior do mundo,
No estrago que ameaça.
5 Parece que o ar se embaça,
As nuvens correndo vão,
Tudo anda em suspensão,
Buscando por vários modos
O alívio para todos,
10 Para mim um cagalhão.

XIV.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 629 (an.)

Décima

Estas gracinhas de Entrudo,
Eu por mim não gosto delas,
Pois nas suas esparrelas
Quando caio, como tudo.
5 Um esguicho de canudo
É somente o com que brinco,
Pois se me molham, lhe afinco
Muito murro à mão tente.
E à porquidade da gente
10 Mamo, chupo, como, trinco.

XV.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 630 (an.)

Epílogo

Tudo o que por detrás derramo
Mamo.
Quando em descarregar me ocupo
Chupo.
Todo o fruto e carnal pomo
Como.
Quando bons peidos afinco
Trinco.
5 Muita merda também chinco,
Sem que tenha disso achaque,
Da mesma sorte que um traque,
Mamo, chupo, como, trinco.

XVI.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 631 (an.)

Décima

Meu branquinho papel,
Mui digno de estimação,
Mal sabes tu em que mão
Lhe irá rebentar o fel.
5 É mais suave que o mel
O gosto de te escrever,
Para a resposta esperar.
Eu sei que te hei-de perder;
Triste, fico a chorar,
10 Merda para quem te ler.

XVII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 632 (an.)

Décima

No convento caga a Freira,
O Algarve na falua,
O pobre caga na rua,
O mochila na cocheira.
5 Também caga a cozinheira,
Cagam moças, cagam amas,
Cagam mariolas e damas,
Cago eu e cagas tu;
Não só caga quem tem cu,
10 Também caga quem tem mamas.

XVIII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 633 (an.)

Epílogo

Que traste é mais delote?
Bispote.
Qual é o outro mais sombrio?
Bacio.
Destes dois o que se herda?
Merda.

5 Antes que eu sinta a perda
 Do Entrudo fenecer,
 Digo que quero lamber
 Bispote, bacio e merda.

XIX.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 634-637 (an.)

Cantigas

Quero cagar por meu gosto
Carros de merda sem fim;
Se eu em merda me afogar,
Ninguém tenha dó de mim.

5 Agora já vou cagando
 Um cagalhão mui ruim;
 Se ele me escalar o cu,
 Ninguém tenha dó de mim.

10 Ainda vou cagar mais um
 Do tamanho de um rocim;
 Lá vai o cu, c'os Diabos!
 Todos tenham dó de mim.

15 Também cago ferros velhos,
 Tê caguei um espadim;
 Fiz o cu em mil pedaços,

Todos tenham dó de mim.

Lá caguei não sei o quê,
Cuido que foi um malsim;
Foi malsinada a cagada,
20 Todos tenham dó de mim.

O que agora no cu sinto,
Pela esperteza é saguim;
Se for mono, estou logrado,
Todos tenham dó de mim.

25 Quero agora cagar doces,
Alféola e jarselim;
Também darei algum peido,
Ninguém tenha dó de mim.

30 Cago abób'ra de fatias,
Que também não é ruim;
Também pêssegos passados,
Ninguém tenha dó de mim.

35 Também cago doce fino,
Mais fino que alfenim;
Tudo quanto cago é doce,
Ninguém tenha dó de mim.

Vou agora ver se cago
Algum tafetá lustrim;
Se cagar peça inteira,
40 Ninguém tenha dó de mim.

Ainda vou dar mais um puxo,
Por ver se cago cetim;
Se cagar desta fazenda,
Ninguém tenha dó de mim.

45 Mas ainda sinto dentro
No cu um grande motim;
Agora morro de parto,
Todos tenham dó de mim.

50 Agora, por variar,
Cago um livrinho em latim;
Aí vai um cartapácio,

Ninguém tenha dó de mim.

E por fim da tal cagada,
Também caguei para mim;
55 E se cagar para vós,
Ninguém tenha dó de mim.

XX.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 638-639 (an.)

Décimas

Caga o clérigo e o Frade,
Caga o velho e caga o moço,
Caga o fraco e o forçoso,
Caga o rapaz e de idade;
5 Caga sem temeridade
Também todo o Estudante,
E caga o que é chibante;
Caga o vestido e o nu,
Cagam os mais e cagas tu,
10 E caga quem tem amante.

Prova agora in continente
Se não é tudo isto assim;
E se o é para que fim,
De fazer impertinente.
15 Mostra-te alegre e contente,
Com agrados de antemão,
Porque nesta ocasião
Em que o tempo dá lugar,
Aceita para almoçar
20 Um formoso cagalhão.

XXI.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 640-642 (an.)

Mote

Ó rio que vás correndo,

*Passa a ver o bem que adoro;
Se te faltarem as águas,
Leva as lágrimas que choro.*

Glosa

Suspende, ó rio, suspende,
Esse curso arrebatado;
Contempla aí nesse prado
Quanto o meu cu despende.
5 A esta postura atende,
Para que fiques sabendo
Os rios que vou vertendo;
E se duvidas do estrago,
Vem ver de perto o que cago,
10 *Ó rio que vás correndo.*

Este sesso de almorreima,
Que em cagar nunca repousa,
Não caga aí qualquer cousa,
Caga o Diabo por teima.
15 Porém tu não tenhas fleima,
Que não turvo o teu decoro
Em a trampa que vapore;
Mas se não queres parar,
Depois de me ver cagar,
20 *Passa a ver o bem que adoro.*

Dirás que em tantas misérias
Já não posso ter descanso,
Que se fui um mija-manso
Hoje sou caga-matérias.
25 E assim em provas sérias,
Conta-lhe lá minhas mágoas;
E se acaso em tantas fráguas
Receias alguma perda,
Aqui tens rios de merda,
30 *Se te faltarem as águas.*

Nestas culatrais intrigas
Em que verto trampa gorda,
Não te faças papa-açorda,
Por me ver tão choramigas.
35 Corre, conta-lhe as fadigas
Que cá sente o seu Lidoro;

Ora vai, cristal sonoro,
E para prova do certo,
Bebe a merda que aqui verto,
40 *Leva as lágrimas que choro.*

XXII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 646-648 (an.)

Mote

*Eu caguei e tu cagaste,
El-rei caga e mais as Damas;
Se bem caga quem tem cu,
Melhor caga quem tem mamas.*

Glosa

Eu caguei e tu comeste,
Depois foste cagar tu;
E da merda do meu cu
A tua boca encheste.
5 *Todo este bem recebeste,
Depois disto te ausentaste;
E se inda te não lembraste
Disto vendo alguém cagando,
Senhora, lembra-te quando*
10 *Eu caguei e tu cagaste.*

Chupa, lambe, esfrega e rapa
O cu para que mais não coma,
Pois no seu palácio em Roma
Come e caga merda o Papa.
15 *Ninguém de cagar escapa:
Cagam crianças nas camas,
Outras nos colos das amas;
Eu sempre cago, menina,
Para ti, e na China*
20 *El-rei caga e mais as Damas.*

Quando me ponho a cagar,
O sesso às vezes me estala;
Em cagando merda rala,

25 Cago sem me molestar.
E para me não sujar,
Fica-me o cu todo nu;
Se me quiseres ver tu,
Quando eu cagando estiver,
Então poderás saber
30 *Se bem caga quem tem cu.*

Caga no convento a freira,
O Algarve na falua,
O pobre caga na rua,
O mochila na cocheira.
35 Caga a casada e a solteira,
Cagam as moças e as amas,
Cagam homens, cagam Damas;
Eu cago, e cagando tu,
Não só caga quem tem cu,
40 *Melhor caga quem tem mamas.*

XXIII.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 649-650 (an.)

Carta de Entrudo

Meu Senhor,

É neste tempo a política mais fina explicar afectos e venerações por frases fedorentas, e metáforas as notícias, pois a asneira é obséquio e a merda debique. Isto sabe V.M., e se gosta, porque o tempo o permite, receba da minha atenciosa operação quanto ponho para o exaltar, quanto me abaixo para o engrandecer. E na certeza de que se satisfaz com o que me alivia, conheço que quando desisto por precisão da natureza, encho a V.M. de gosto, pelo que tenho de o fartar, ainda que estas expressões com que o meu afecto se exprime serão para V.M. vozes de quem repleto se espreme. Sempre acharei na sua boca muita e branda desculpa para perdoar a desatenção com que em merda lhe falo, pois sei que é cousa que só o Papa dispensa. Para finalizar o que acima digo, vem muito a propósito umas décimas que ainda que para V.M. serão uma trampa, tenha paciência que há-de mamá-las, pois lhe vem a pedir de boca, e se lhe ficar entre dentes, esgravate o cu com a língua.

Cantiga

Neste tempo tudo é merda,
Minha vida, não te enfades;
Peidinhos e cagalhões
São palavrinhas mui graves.

Ai, lele, lele, Entrudo!
Fora; como é gulosa!
Olhem como mama tudo.

II. ADEUS, SENHORA, QUE EU PARTO

— Oito glosas anónimas e a variação carnavalesca de Domingos Monteiro*

1. Em trabalho apresentado em 1994¹, tivemos oportunidade de coligir – acrescentando uma série de novas informações – os dados biobibliográficos disponíveis sobre o poeta setecentista Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral (1744-1830).

Na listagem das suas obras que então apresentámos, fizemos referência a dada altura à indicação de Inocêncio segundo a qual Domingos Monteiro seria o autor de uma glosa, «impropria para o prelo», e portanto inédita, iniciada pelo verso «Nise, ouço as tuas razões». Na altura, não tínhamos elementos que nos permitissem confirmar nem a existência nem a atribuição deste texto. Contudo, em pesquisas posteriores, tivemos oportunidade de descobrir quatro versões manuscritas do poema. Em três dos testemunhos, a glosa vem sem indicação de autoria, mas numa delas – o Ms. 1912 da BPMP – é indicado como autor Domingos Monteiro, o que confirma a informação de Inocêncio.

Por outro lado, no decurso das nossas investigações sobre a literatura lusobrasileira dos séculos XVII e XVIII, fomos recolhendo novas glosas do mesmo mote, todas anónimas e, ao que supomos, também inéditas. Chegámos assim a um total de nove textos, alguns deles com vários testemunhos. Pareceu-nos portanto útil publicar todos os poemas, até para que melhor se possa entender a paródia de Monteiro.

2. Como dissemos, todos as nove glosas desenvolvem um mote comum, que – deixando de lado pequenas divergências – poderia ser apresentado do seguinte modo: «Adeus, Senhora, que eu parto;/ Descansada ficarás./ Se algum dia te lembrares,/ Compaixão de mim terás». Como é possível perceber de imediato, estamos perante tópicos muito habituais da lírica amorosa, nomeadamente o da despedida e o da infelicidade do amante.

* Este capítulo reformula substancialmente um artigo que, sob o título ‘Adeus, Senhora, que eu parto’ – *Três glosas anónimas e a impubliável versão de Domingos Monteiro*, saiu na «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas», II Série, vol. XII, Porto, Faculdade de Letras, 1995.

¹ *Silva Alvarenga – Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, 1994.

Os oito primeiros textos, apesar de abordarem o tema de forma diversa, confirmam a expectativa criada pelo mote. As glosas I, II e III desenvolvem o mote da forma mais previsível, apresentando-se dominadas pelo motivo do sofrimento e pelos protestos de fidelidade do amante: a «cruel despedida» «Deixa uma alma dividida/ Do coração mais amante» (I); o amante declara «Perco a razão, perco o siso,/ Quando dos teus pés me aparto» (II) e que «em mim cresce a firmeza/ À proporção da distância» (III). Já os textos IV, V, VI e VII apresentam a partida como uma opção voluntária, justificando-a com a infidelidade – ou suspeita de infidelidade – da amada, desenvolvendo depois o tópico da traição, associado ao do sofrimento: «Quando de amor andei cego,/ Era tão forçoso o amar-te/ Quanto é extremo o deixar-te,/ Vendo tens novo emprego» (IV); «O coração, para amar-te,/ Inda cá fica contigo./ Olha que é teu, dá-lhe abrigo» (VII). A glosa VIII, por sua vez, introduz o tópico da despedida dos amantes ao romper da aurora, pontuado de sensualidade: «Tu não te ergas assim nua,/ Deixa-te ficar deitada,/ Dorme um pouco descansada,/ Que bem precisada estás». O cómico comparece também em alguns momentos do texto: «Se me demoras, verás/ Que me quilha o velho agora».

Muito diferente é a glosa de Domingos Monteiro (texto IX), na medida em que o autor a coloca claramente no terreno da paródia, associada à tradição poética escatológica do Entrudo de que falámos no capítulo anterior. Com efeito, um dos quatro testemunhos que transmite o poema é o «Apendix de obras burlescas e graciosas para o tempo do Carnaval» em que figuravam os poemas editados no capítulo I. Na mesma linha, Monteiro constrói um texto dominado pelo prazer excretório – «Que grande consolação/ Que é esta de cagar!» –, imprimindo-lhe um cunho que, mais do que cómico, é sobretudo satírico.

Inserida no conjunto da obra do autor, a glosa não chega a ser propriamente surpreendente. É verdade que a parte talvez mais significativa da obra de Domingos Monteiro – que foi um respeitável juiz e ocupou importantes cargos no aparelho do Estado – se situa num plano diametralmente oposto, sendo constituída por textos que obedecem às normas neoclássicas e que são com frequência dirigidos às personalidades da época. Apesar disso, o autor escreveu também uma série de sátiras particularmente ferinas no contexto da chamada *Guerra dos Poetas*, sendo também da sua autoria um interessante *ABC* poético intitulado *A Peidologia* – que editaremos no capítulo VI –, com evidentes afinidades com a glosa em causa.

3. Para terminar este breve comentário, falta dizer que todas as glosas revestem a forma de décimas heptassilábicas espinelas, obedecendo portanto – com uma ou outra irregularidade – ao esquema rimático *ABBAACDDC*.

À semelhança do que acontece nos outros capítulos, os textos foram transcritos de acordo com as normas expostas no início do volume. Nos casos em que as glosas são transmitidas por testemunhos divergentes, editámos aquela que nos pareceu oferecer a melhor versão, anotando no aparato crítico as variantes.

I.

Testemunho: BPMP, Ms. 1912, f. 39r e v (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrares,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

É chegado aquele instante
Em que a cruel despedida
Deixa uma alma dividida
Do coração mais amante.
5 Mas golpe tão penetrante,
Meu bem, não sei explicar-te;
Adeus, enfim, que me aparto,
Lembrem-te meus tristes ais.
Não te posso dizer mais,
10 *Adeus, Senhora, que [eu] parto.*

Se os meus olhos te ofenderam,
A minha culpa confesso;
Perdão deles já te peço,
Bem vês que de amor nasceram.
15 Se a magoar-te se atreveram,
Tudo acabado verás,
E já agora viverás
Um feliz sossego tendo,
Porque sei que em te não vendo
20 *Descansada ficarás.*

Temo ser tão desgraçado
Que fique no apartamento,
E da vista e do pensamento
Igualmente separado.
25 Mas se em teu peito magoado
Sinais de amor encontrares,
Das aflições, dos pesares,
Que hei-de padecer sem ver-te,
Não queiras nunca esquecer-te,
30 *Se algum dia te lembrares.*

Então, se ouvires dizer
Que suspirando morri,
Conhecerás que sem ti
Era impossível viver.
35 Então, depois de eu morrer,
Meu amor conhecerás;
A crueldade verás
Com que me tiraste a vida,
E chorando arrependida,
40 *Compaixão de mim terás.*

II.

Testemunho: BGUC, Ms. 297, p. 162-164 (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

Senhora, adeus, que é preciso
Deixar-te e partir depressa.
Ah, meu Bem, já começa
A dar-me volta o juízo!
5 Perco a razão, perco o siso,
Quando dos teus pés me aparto;
Nem eu posso ponderar-to,
Sempre me sinto morrer.
Mas, enfim, isto há-de ser;
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Descansa, meu Bem, descansa,
Que por mais que queira o fado,
No meu amante cuidado
Ninguém há-de ver mudança.
15 Na mais firme segurança,
Dentro da minha alma vais;
E se te não satisfaz

O meu amor desta sorte,
Dá-me, meu Bem, dá-me a morte;
20 *Descansada ficarás.*

Morro, meu Bem, certamente,
Se me aparto dos teus pés.
Porém como a causa tu és,
Morro deveras contente.
25 Viver eu de ti ausente
Seria desesperar;
Não, Senhora, hei-de acabar
Levando do Amor a palma;
E tu reza-me por alma,
30 *Se algum dia te lembrar.*

Cuidas, Senhora, que é graça,
Ou é sonhado delírio,
Esta mágoa, este martírio,
Que esta noite por mim passa?
35 Oh Deus, que ainda a desgraça
Nisto maior se me faz!
Deixa, que tu ouvirás
Quanto por teu amor sinto;
E então, vendo que não minto,
40 *Compaixão de mim terás.*

III.

Testemunho: BNL, Cod. 8599, p. 97-98 (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

Chegou o tempo inimigo,
Onde em triste soledade,
Contigo fica a saudade,
Vai a lembrança comigo.

5 Eu bem sei que se to digo
O mal contigo reparto,
Mas já não posso ocultar-to;
E um pouco a voz detendo,
Dei um gemido, dizendo
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

A minha eterna constância
Te há-de mostrar a fineza,
Porque em mim cresce a firmeza
À proporção da distância.
15 Tu, chorando em viva ânsia,
Sempre por mim chamarás;
Nenhuma voz ouvirás,
E por mais que tu suspires,
Só quando outra vez me vires
20 *Descansada ficarás.*

Mas Fílis, que atenta ouvia,
Me diz: «Oh! Por que me deixas?»
E entre lágrimas e queixas,
As vozes mal proferia.
25 Eu mais terno lhe pedia
Que suspendesse o chorar.
Ela me diz: «Deixa estar.
Só uma cousa te imploro:
Que conheças que te adoro,
30 *Se algum dia te lembrar.*

«Vai, meu bem, vai. Paciência.
Chorarei mais essa dor,
Porque a grandeza do Amor
Só se conhece na ausência.
35 Oh, que tirana violência
Esta partida me faz!
Porém, se lá onde vás
Ouvires que eu cá morri,
Como sabes que é por ti,
40 *Compaixão de mim terás».*

IV.

Testemunhos: BNL, Cod. 8584, f. 61r-62r (an.) = *A* / BNRJ, Ms. 2, 1, 18, p. [168-170] (an.) = *A*₁ / BPMP, Ms. 1129, p. 275 (an.) = *B* / BM, Ms. intitulado «Flores do Parnaso», III, p. 143-144 (an.) = *C*

Versão de *A*

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te eu lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

Quando de amor andei cego,
Era tão forçoso o amar-te
Quanto é extremoso o deixar-te,
Vendo tens novo emprego.
5 Podes viver com sossego,
Pois já não posso estorvar-to;
Porém como já me aparto,
Resoluto a já não ver-te,
Venho por fim a dizer-te:
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Ver possuir-te um traidor
Não quero em minha presença,
Que é menos sentida a ofensa
Na ausência do ofensor.
15 Queixas contra o meu amor

-
2. forçoso o amar-te] forçoso amar-te *A*₁ preciso amar-te *C*
3. Quanto é extremoso o] Quanto é extremo *A*₁ Quanto me custa o *B* Como é forçoso *C*
4. Vendo tens] Sabendo tens *A*₁ Vendo que tens *B C*
5. Podes viver com] Vive com feliz *B* Logra-o com feliz *C*
6. Pois já não posso] Que eu não pertendo *B C*
7. Porém] Pois *B*
8. a já] a mais *A*₁ *B C*
9. por fim] somente *B C*
11. Ver-te possuir de um traidor *B*
12. quero em] posso na *B*
13. Que é menos sentida ofensa *A*₁ Pois menos se sente a ofensa *C*
14. ofensor] agressor *C*
15. contra o meu] contra meu *A*₁

Já cruel não formarás;
 Se no laço que o amor faz
 Eu te prendia a vontade,
 Já na tua liberdade
 20 *Descansada ficarás.*

Na sem-razão de deixar-me
 Me fazes enlouquecer;
 Mas como sei que és mulher,
 Não tenho já que admirar-me.
 25 Lembrança de mais amar-me
 Não tornes a recordar;
 E se acaso te ficar
 Imagem da antiga glória,
 Desterra-me da memória,
 30 *Se algum dia te eu lembrar.*

Lá virá tempo, homicida,
 Em que sintas ter-me ausente,
 Falta a vida e não se sente
 Senão depois de perdida.
 35 Mas como tens nova lida,
 Julgo a não sentirás;
 Antes tão cruel serás
 Que se eu morrer nesta ausência,
 Nem ao menos por clemência
 40 *Compaixão de mim terás.*

17. Se no laço que o amor] Se no laço que amor *A* / E se em laços que amor *B C*

18. prendia] prendi *B C*

21. Na] *A C*

22. Me fazes] Me fazia *C*

24. tenho já que] tenho que *A* / *B* tenho de que *C*

25. Nem as delícias de amar-me *B* Esse gosto de adorar-me *C*

26. Não tornes a] Tornes mais a *B* Não cuides em *C*

27. E] Mas *B C*, te ficar] ainda restar *C*

28. Imagem] *A* imagem *B* Lembrança *C*

30. te eu lembrar] te lembrar *B* eu te lembrar *C*

32. ter-me] ver-me *C*

33. Falta a vida e] Falta a dita e *A* / Porque a dita *B* Vai-se a dita e *C*

35. Mas] Porém *B*

36. Julgo a não] Julgo não o *B* Julgo que o não *C*

39. Nem ao menos por] Nem sequer por *B* Nem por afecto ou *C*

V.

Testemunho: BA, Ms. 50-I-34, f. 4r e v (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

É violenta a partida,
Ao meu gosto todo oposta,
Porque sempre a quem mais gosta
Custa mais a despedida.
5 Tu ficas persuadida
Do desgosto em que me aparto;
Mas eu, se quero explicar-to,
Treme a voz balbuciente,
Ao dizer-te, descontente,
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Da aflição continuada
Que tinhas vendo-me amante,
Já de hoje em qualquer instante
Viverás bem descansada.
15 Se estavas penalizada,
Já agora glórias terás;
Enfim, mais não sentirás
Estrovos nos teus intentos,
Mas entre contentamentos
20 *Descansada ficarás.*

Mas primeiro que me ausente,
Sempre quero progar-te
Se algum hei-de lembrar-te
Como se fora presente.
25 Julgo que infalivelmente
Tal lembrança hás-de achar,
Pois se outro queres lograr,

A mim me hás-de aborrecer.
Mas dize, que hás-de fazer
30 *Se algum dia te lembrar?*

Em tudo ficarás triste,
Abstendo memória tal;
Antão, até dirás mal
Desse instante em que me viste.
35 Porém muito embora insiste
Em ser falsa, e acharás
Igual paga à que me dás,
Porque nesse mesmo instante
Em que faltar teu amante
40 *Compaixão de mim terás.*

VI.

Testemunhos: BNRJ, Ms. 2, 1, 18, p. [171-173] (an.) = A / BNL, Cod. 8584, f. 64r-65r (an.) = B / BA,
Ms. 50-I-34, f. 5r e v (an.) = C

Versão de A

Mote
*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te eu lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Ao mesmo assunto

Glosa

Fílis e Fábio

Fílis Vás-te, meu bem? Forte pena!
Tens valor de me deixar?
Fábio Eu deixar-te? Era acabar
E ter vida mais pequena.

1. Fílis] Marília C, Forte pena! Oh, que pena! B C

3. Isto me faz acabar B Se deixo de me ausentar C

4. E ter vida mais] E ter a vida tão B É de ter vida C

5 Fílis Quem é que a partida ordena?
Fábio Meu bem, não posso explicar-to.
Fílis Pois se chego a perguntar-to,
Por que hoje o não saberei?
Fábio Quando tornar to direi;
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Fílis Forte pressa, duro intento!
Espera, amor, não te ausentes.
Fábio Deixa-me, não crescentes
Na suspensão o tromento.
15 Fílis Dize, que aborrecimento
É este com que hoje estás?
Fábio Tu ignoras? És quem dás
Causa à mágoa com que estou,
Mas agora que me vou
20 *Descansada ficarás.*

Fílis Eu a causa em que ta dei?
Eu fui falsa, por ventura?
Fábio Que faltaste à fé pura
Desconfio, não o sei;
25 Retirado o saberei,
Que ao longe novas vão dar.
Fílis Triste de mim! Que pesar
Tenho sem o merecer!
Dize, não me hás-de escrever,
30 *Se algum dia te eu lembrar?*

-
5. Quem é que] Pois quem *B*
6. Bem não posso relatar-to *B* Já não posso relatar-to *C*
7. Pois] Mas *C*
8. E que não o saberei *C*
9. tornar] vier *C*
13. Deixa-me, não] Deixa, não me *B C*
16. É este] É esse *B C*, com que hoje] com quem *C*
17. Tu, ingrata, é que me dás *B C*
18. à mágoa] aos males *B* às mágoas *C*
19. Mas agora que] Agora que eu *C*
22. Eu fui falsa] Fui-te falsa *C*
24. Desconfio, não sei *B* Lá desconfiando o sei *C*
25. o saberei] saberei *B*
28. o merecer] merecer *B* to merecer *C*
29. Dize] Dize-me *C*

Fábio Eu vou na averiguação
 De saber se és delinquente.
 Fílis Se eu estiver inocente,
 Não me hás-de pedir perdão?
 35 Fábio Se eu vir não tenho razão,
 O que hei-de fazer verás.
 Fílis Vai, meu bem, e saberás
 No retiro meus pesares,
 E quando morta me achares
 40 *Compaixão de mim terás.*

-
31. averiguação] oposição *C*
 32. De saber se és] De que foste *C*
 33. Se eu] E se eu *C*
 35. Depois da av'riguação *C*
 36. O que] Que *C*
 37. meu bem] Fábio *B* ingrato *C*
 38. Se te guardo lealdade *B* No retiro os meus pesares *C*
 39. Sabendo a minha verdade *B*

VII.

Testemunho: BNRJ, Ms. 2, 1, 18, p. [174-176] (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
 Descansada ficarás.
 Se algum dia te eu lembrar,
 Compaixão de mim terás.*

Ao mesmo assunto

Glosa

Ora pois eu me despeço,
 Já me ausento; não me sigas.
 Tudo entendo; não prossigas,

Pois bem sei que te aborreço.
5 Sim, eu já te agradeço,
Sem razões de que estou farto;
De enfado basta, eu me aparto,
Já te deixo; Ai, que tromento!
Adeus, meu bem, que me ausento,
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Parto, tu ficas gostosa,
Sem ter já quem te desperte,
Quem te beije e quem te aperte
A nevada mão formosa.
15 Não te verei desdenhosa,
Nem terno tu me verás;
Desprezos não me farás,
Nem eu ternas expressões.
Enfim, sem perseguições,
20 *Descansada ficarás.*

Ficarás, que eu só comigo
Levo a mágoa de deixar-te;
O coração, para amar-te,
Inda cá fica contigo.
25 Olha que é teu, dá-lhe abrigo;
Quando tiveres vagar,
Com ele vai conversar;
Faze-lhe um carinho, sim?
E pergunta-lhe por mim,
30 *Se algum dia te eu lembrar.*

Então só dirás contigo:
Já lá vai quem me adorava,
E quem comigo brincava
Já não brincará comigo.
35 Já, tirana, por castigo,
Talvez por mim chorarás;
Tarde te recordarás
Do meu amor e teu tédio,
E quando não tem remédio,
40 *Compaixão de mim terás.*

VIII.

Testemunho: BA, Ms. 50-I-34, f. 6r e v (an.)

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Ao mesmo assunto

Glosa

Nise, ausentar-me convém;
Não chores, vida, sossega,
Que quem a amores se entrega
Estes contratempos tem.
5 Eu volto logo, meu bem,
Que para perto me aparto.
Vê que já naquele quarto
Um ar claro principia;
Vou-me antes que seja dia,
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Ai, Jesus! É madrugada,
Já sinto quente na rua.
Tu não te ergas assim nua,
Deixa-te ficar deitada,
15 Dorme um pouco descansada,
Que bem precisada estás.
Queira Deus que este rapaz
Vá dormir onde dormia,
Porque então dessa espia
20 *Descansada ficarás.*

Adeus, adeus, vou marchando,
Que o rapaz ergue-se cedo;
Dele é que tenho medo,
Que o velho está ressonando.
25 O que mais vou receando
É a negra porta ao fechar;
Tu tens a culpa de estar
Sem cautela que aproveite.

30 Ora cuida em pôr-lhe azeite,
Se algum dia te lembrar.

Vou abrir esta janela.
Ai, Jesus! É manhã clara;
Ora se o velho acordara,
Bem bonita estava ela.
35 Já não há nem uma estrela,
Ninguém tal loucura faz.
Se me demoras, verás
Que me quilha o velho agora;
Antão de balde, Senhora,
40 *Compaixão de mim terás.*

IX.

Testemunhos: BPMP, Ms. 1912, f. 41r e v (Domingos Monteiro) = A / BA, Ms. 50-I-34, f. 7r-7v (an.) = B / BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 643-645 (an.) = B₁ / BNL, Cod. 13224, p. 112-114 (an.) = B₂

Versão de A

Mote

*Adeus, Senhora, que eu parto;
Descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
Compaixão de mim terás.*

Glosa

Nise, ouço as tuas razões,
Porém não sei que te diga;
Entra a doer-me a barriga,
Temo cagar nos calções.
5 Buscarei ocasiões
Em que não venha de parto;
Perdoa se assim me aparto,

Legenda. Ao mesmo assunto, em peça de Entrudo B

1. Nise, ouço] Ouvindo B₂

2. Porém não sei] Nise, não sei B₂, que te diga] o que te diga B

4. nos calções] os calções B₂

7. aparto] parto B₁

Mas não posso demorar-me.
Ai, ai, que entro a cagar-me!
10 *Adeus, Senhora, que eu parto.*

Mas se hei-de ir por mim cagando
Ou tendo dores a fio,
Vou aqui ao teu bacio,
Vai tu daí conversando.
15 Deixa-me ir espedorrando,
Que a merda já vai atrás.
Caga tu, Nise, e verás
O cagar que gosto tem;
Porque em tu cagando bem,
20 *Descansada ficarás.*

Conversemos. Sem razão,
Maltratas a quem te adora;
Lá vão dous peidos agora,
Lá vai mais um cagalhão.
25 Que grande consolação
Que é esta de cagar!
Em casa é bom, mas ao ar
É melhor. E toma atento:
Põe tu, Nise, o cu ao vento,
30 *Se algum dia te lembrar.*

Por ora tenho cursado,

8. Mas é forçoso ausentar-me B_2

9. Ai, ai, que] Ai, ai, ai B Ai, ai, ai, que $B_1 B_2$

11. Mas se hei-de ir por mim] Mas se hei-de estar B S'eu hei-de ir por 'í B_2

12. Ou tendo] E tendo $B B_1$ Eu tenho B_2

14. Vai tu] Tu vais B_1

15. Deixa-me ir] Eu me vou B

16. Porque a merda vem atrás B Que a merda já vem atrás $B_1 B_2$

17. E então tu saberás B_1

18. O cagar que gosto] O gosto que o cagar B

19. Porque em tu cagando] E em tu cagando B E em tu lhe cagando B_1 E depois de cagar B_2

21. Conversa, mas sem razão B_1

22. Maltratas] Tu tratas B_1

25. Que grande] Que forte B Que bela B_2

26. É esta de despejar $B B_1 B_2$

27. Em casa é bom achar B

28. atento] tento $B B_1 B_2$

29. Põe tu, Nise] Põe tu B_1

31. cursado] lançado B_2

Mas fico na desconfiança
Que esta contínua cagança
Me tem teu rigor causado.
35 Se o que até aqui hei cagado
Nenhum abalo te faz,
As tripas cagar verás,
Cagar alma e teu rigor;
Verei se por tal fedor
40 *Compaixão de mim terás.*

32. Mas fico na] Mas tenho B Mas fico em B₁ Mas estou em B₂
34. Me tem teu rigor] Ma tem meu amor B₁
35. Se até aqui o que hei cagado B₁ E se o que tenho cagado B₂
36. te faz] em ti faz B₁
38. Cagar alma e teu amor B B₁ E cagar com tal furor B₂
39. Verei se com tal fedor B B₁ Que chegando-te o fedor B₂

III. A *PEIDORRADA*, poema setecentista atribuído

a Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes

Conforme o explica a legenda, este poema toma como pretexto os folguedos poéticos característicos da véspera do dia de Reis. Nele, o seu autor – ignoramos se Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes é um nome verdadeiro ou não passa de um pseudónimo –, apresentado como colegial de Coimbra, explica jocosamente os motivos que o impedem de versejar na ocasião em causa.

Datado de 1780 e formado por 135 quadras heptassilábicas do tipo *ABCB*, o poema abre com a narração do encontro que o autor teve com Baco, no qual o deus lhe perguntou: «É crível que não façais/ Ao menos um Entremez?/ Acaso neste Colégio/ Entraria a estupidez?» (vv. 33-36). A última pergunta é particularmente interessante, na medida em que há nela uma referência velada a um poema herói-cómico que, à época, despertou viva polémica e causou dissabores graves ao seu autor: trata-se de *O Reino da Estupidez*, do brasileiro Francisco de Melo Franco, autêntico manifesto contra o retrocesso cultural da Universidade de Coimbra que acompanhou a subida ao trono de D. Maria I. De qualquer modo, o texto de Fr. Francisco de Paula não envereda pelo plano do combate ideológico, antes passando, rapidamente, para o terreno do cómico brejeiro apoiado no motivo das ventosidades.

A primeira referência – comicamente metafórica – ao motivo que domina o poema é feita por Baco, no momento em que enumera as qualidades artísticas dos colegiais: «Outros tocam bem fagote,/ Mas é somente por trás.// Esta espécie de instrumento/ Muito a baixão se assemelha;/ Mas custa muito a afinar,/ Porque lhe falta a c'avelha.// Não chega a pontos agudos,/ Mas por baixo tudo diz;/ É sonoro, mas há muitos/ Que lhe torcem o nariz» (vv. 63-72). Baco é também responsável pelo rumo que o enredo toma. Por o ter desprezado, o enunciador sofrerá um castigo: decidido a fazer algum folguedo poético, dirige-se ao Parnaso, para pedir inspiração a Talia, acontecendo porém que: «Estava falando com ela,/ Quando um traque me escapou;/ A Musa, disto ofendida,/ Logo de mim se ausentou» (vv. 109-112). A partir deste momento, o poema será dominado pela tentativa de justificação do acto involuntário, que contudo voltará a ser repetido, de forma agravada, por castigo de Baco. Algumas momentos dessa justificação são francamente cómicos: «Como és tão melindrosa,/ Que até um ar te faz mal?» (vv. 123-124); «Vê que a causa do meu crime/ Foi teu rosto encantador,/ Porque em

meu peito acendes/ A chama voraz de amor.// Esta chama que acendeu/ Rarefez em mim o ar,/ Até que inchando-me o ventre/ Por trás me fez estoirar» (vv. 125-132). Um momento significativo do discurso é ocupado com a definição do traque, o que proporciona também bons momentos cômicos: «Pois se o traque não tem vida/ Como têm os animais,/ Por que razão, quando nasce,/ Ou geme, ou urra, ou dá ais?» (vv. 205-208); «Nasceu nos Países Baixos,/ Em cujos assentos mora;/ Já morou no cu de Judas,/ Mas todos o lançam fora» (vv. 225-228).

Em conclusão, podemos dizer que esta *Peidorrada*, dentro do género a que está vinculada, é uma obra com algum mestria, traduzida na concepção do enredo, na vivacidade dos seus diálogos, no ritmo e na variedade da linguagem metafórica em que se apoia.

Testemunho: BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 3-30

PEIDORRADA

por

Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes

Obra burlesca que o Autor compôs sendo colegial em Coimbra, dando as razões por que não fazia os versos joco-sérios que os seus companheiros lhe pediam para se divertirem na noite de véspera de Reis, visto que o Prelado lhes não permitiu o pôr em cena alguma peça de teatro, como era costume no Colégio

1780

Indo hoje para a Sertã,
Onde algumas vezes chego
A fim de me divertir
Com a vista do Mondego;

5 Logo defronte da Adega,
Por meu nome ouvi chamar.
Parei um pouco, e atento
Em torno me pus a olhar.

10 Não via pessoa alguma;
Mas pondo o ouvido alerta,
Percebi que a voz saía
D'Adega, que estava aberta.

15 Chego à porta, olho para dentro,
Porém quase nada via,
Porque a mesma casa dava
Pouca entrada à luz do dia.

20 Eis que voltando a cabeça,
Vi o Deus Baco a um lado,
A cavalo numa pipa,
Como em seu trono sentado.

25 Por C'roa tinha um ramo
Duma videira frondosa;
Por ceptro tinha na mão
Uma borracha espantosa.

25 C'os olhos arregalados
E com a cabeça torta,
Estas palavras me disse,
Virando-se para a porta:

30 – «Dizei-me, Colegiais,
Por que razão não fazeis
Hoje algum divertimento,
Como é costume nos Reis?

35 «É crível que não façais
Ao menos um Entremez?
Acaso neste Colégio
Entraria a estupidez?»

40 – «Senhor Baco, lhe disse eu,
Esse não é o motivo
Por que não fazemos hoje
Algum brinquedo festivo.

«A estupidez nunca entrou
Num Colégio onde Minerva
Os tesouros preciosos
Das suas ciências conserva.

45 «Não há comédia porque
O Prelado a proibiu,
Pelas urgentes razões
Que sabiamente previu».

50 Disse Baco: «Pois é pena
Que a proibisse o Prelado,
Pois sei que há neste Colégio
Muito sujeito prendado.

«Há quem toque Arpa de Couro,
E quem forje bem as petas;
55 Há quem saiba dar aos foles
E tocar bem castanhetas.

«Também há Colegiais
Que fazem a sua glosa;
Há quem faça prosa em verso
60 E também versos em prosa.

«Muitos cantam bem modinhas
E têm vozes menos más;
Outros tocam bem fagote,
Mas é somente por trás.

65 «Esta espécie de instrumento
Muito a baixão se assemelha;
Mas custa muito a afinar,
Porque lhe falta a c’ravelha.

70 «Não chega a pontos agudos,
Mas por baixo tudo diz;
É sonoro, mas há muitos
Que lhe torcem o nariz».

Com um ar de mangação,
Então para mim olhou,
75 E com sorriso amarelo
Desta sorte me falou:

– «Não toques este instrumento,
Porque ofende, como sabes,
Os reverendos narizes
80 Dos Senhores Padres graves».

Quando ouvi isto, assentei
Que ele estava como um cacho;
Dei-lhe as costas com desprezo
E o tratei por um borracho.

85 Baco, vendo-se ofendido,
Começou logo a clamar
Pelo Rei ou Deus dos ventos
Para me vir castigar.

Logo senti que o tal Éolo
90 Pelo âno me assoprava;
E pondo os olhos na pança,
Vi que pouco a pouco inchava.

Apenas eu percebi
A barriga empanturrada,
95 Com razão pronostiquei
Que tínhamos trovoada.

Lembrou-me o que Baco disse,
E posto não era cedo,
Julguei eu que era preciso
100 Fazer hoje algum brinquedo.

Subi ao Monte Parnaso,
Falei à Musa Talia,
Roguei-lhe que me inspirasse
Neste alegre e fausto dia.

105 A Musa me recebeu
Com agrado singular;
E me prometeu, sincera,
Que me havia de inspirar.

Estava falando com ela,
110 Quando um traque me escapou;
A Musa, disto ofendida,
Logo de mim se ausentou.

Fiquei vexado, e temendo
Que intentasse castigar-me,
115 Dando mil satisfações,
Comecei a desculpar-me.

Contudo, a Musa sentida
Não se dignou responder-me;
Porém eu continuei
120 Desta sorte a defender-me:

– «Ouve-me, escuta meus rogos,
Ó Musa, Musa imortal;
Como és tão melindrosa,
Que até um ar te faz mal?

125 «Vê que a causa do meu crime
Foi teu rosto encantador,
Porque em meu peito acendes
A chama voraz de amor.

130 «Esta chama que acendeu
Rarefez em mim o ar,
Até que inchando-me o ventre
Por trás me fez estoirar.

135 «Parece que o meu traseiro
Nisto não te fez agravo,
Que em toda a festa de fogo
Sempre há foguetes de rabo.

140 «Se por baixo te falei,
Nisto ofender te não quis,
Mas antes de amor nasceu
Esta fala que te fiz.

«Perdoa, Musa, e tem dó
De quem tudo por ti faz,
E que até, por desafogo,
Suspira e geme por trás.

145 «Amor, que mora em meu peito,
É rapaz muito inquieto,
E busca todos os meios
De mostrar-te o seu afecto.

150 «Como deseja agradar-te,
Quis cumprir o seu desejo
Disparando um triquetraque,
Para fazer-te um festejo.

155 «Se não gostaste do brinco,
Desculpa a sua leveza,
Pois não foi crime de rabo,
Antes foi de amor fineza.

160 «Como sabe que é costume
O dar salvas qualquer Forte,
Quando aparece algum grande
Ou pessoa d'alto porte;

«Por isso, reconhecendo
A tua grande excelência,
Deu logo a sua descarga,
Em sinal de reverência.

165 «Se te cheirou mal a pólvora
Depois daquela explosão,
Foi por estar sujo o cano
Do traquejante canhão.

170 «O mesmo Cupido ardente
No fogo que em mim sentia,
Quis expressar seus ardores
Com lacónica energia.

175 «Falou por cima e por baixo,
Para dizer de uma vez tudo,
Pois ainda que seja cego
Não se obrigou a ser mudo.

180 «Penso que este desaforo
Merece alguma desculpa;
E se fiz nisto algum mal,
Tu mesma tiveste a culpa.

«Os olhos que me puseste
Quando comigo falaste,
Foram dous raios funestos
Que sobre mim arrojaste.

185 «Logo ficar não devias
Deste sucesso admirada,
Pois caindo esses dous raios,
Devia haver trovoadas.

190 «Como é possível, ó Musa,
Que de mim te escandalizes,
Por um vento que soltei
Sem te ofender os narizes?

195 «Que é em si realmente
Uma tal ventosidade,
Para mover-te a tratar-me
Com tanta severidade?

200 «Permite que aqui te exponha,
Sem ofender a decência,
Qual é, segundo os Doutores,
Deste objecto a própria essência.

205 «Dizem sábios peidorreiros
Que o traque não é vivente;
Mas julgo que esses Doutores
Pensam nisto erradamente.

210 «Pois se o traque não tem vida
Como têm os animais,
Por que razão, quando nasce,
Ou geme, ou urra, ou dá ais?

215 «Que é vivente é mui certo,
E nisto assentei há muito,
Ainda que no mau cheiro
Lá parece que é defunto.

220 «Há quem diz que não é ente,
Mas quem tal diz é basbaque,
Pois não há homem de siso
Que negue entidade ao traque.

225 «É ente sim, tenho dito,
Pois canta às vezes com graça;
É tocador de fagote
E fedorento por raça.

225 «E quem haverá que ignore
O seu baixo nascimento?
Quem não sabe donde vem
E onde tem aposento?

225 «Nasceu nos Países Baixos,
Em cujos assentos mora;
Já morou no cu de Judas,
Mas todos o lançam fora.

230 «Ninguém o pode avistar,
Nem pelo tacto sentir;
Mas quando sai com estrondo,
Então se sente e faz rir.

235 «Em sujas cavernas mora,
Como o coelho na lura;
E se em segredo se solta,
Então ninguém o atura.

240 «Voando logo aos narizes,
Suja as ventas, causa nojo,
E com seu impuro bafo,
Faz andar todos de rojo.

«Certo Doutor enjoado
Do seu fétido insofrível,
Disse que era o Porco Sujo
Ou um Duende invisível.

245 «Mas posto que todo o traque
Seja espírito imundo,
Julgo falso isto que dizem
E bem sei no que me fundo.

250 «O Porco Sujo não é,
Cá segundo o meu conceito,
Pois não foge d'água benta,
Nem tem aos Templos respeito.

255 «Eu sei que um traque sacrílego
Que uma beata soltou,
Com seu sopro em certa Igreja
Uma alâmpada apagou.

260 «Tal delito ao Porco Sujo
Nunca os homens imputaram;
Os mesmos que o caluniam
Nunca de tal se lembraram.

«Que não tem corpo nem 'spírito
Dizem alguns sabichões,
Mas somente provam isto
Com sofisticas razões.

265 «Se pensas, Musa, que o traque
Nem corpo nem alma tem,
Deves logo concluir
Que é um nada, que é ninguém.

270 «Mas se é certa a conclusão,
Se assim, ó Musa, o entendes,
Dize-me por que razão
De um mero nada te ofendes?

275 «Se tu deveras me amasses
Como eu sempre te amei,
Amarias e prezaras
O mesmo estoiro que dei.

280 «Pois pode alguém duvidar
Que quem ama algum objecto
A tudo que lhe pertence
Também estende o afecto?

«Bem dizia minha avó,
Que aquele que ama a Beltrão
(Segundo um antigo adágio)
Ama também o seu cão.

285 «O que digo, cara Musa,
É do amor consequência;
É uma verdade pura
Que nos mostra a experiência.

290 «Mas se quem ama a Beltrão
Também ama o seu rafeiro,
Com mais razão deve amar
O vapor do seu traseiro.

295 «O rafeiro é ente estranho,
Não é do Senhor porção,
Mas o vapor de que falo,
É do dono emanção.

300 «Portanto, se tu me amasses
Como eu sempre te amei,
Certamente prezarias
O vapor que eu exalei.

«Para te convencer
Desta verdade evidente,
Permite que aqui te exponha
Um exemplo concludente.

305 «Certa Madama tafula,
Em amar muito extremosa,
Tendo por certo Paralta
Grande paixão amorosa;

310 «Tudo quando dele era
Sumamente apreciava:
O seu retrato, o seu moço,
O seu cão, tudo estimava.

315 «No tempo em que estava ausente
Do seu amado Benzinho,
Fez na força da saudade
Um amoroso escritinho.

320 «E nele, com grande empenho,
Pedia ao seu bem amado
Que lhe enviasse um peidinho
Numa caixinha fechado.

«Pois era tal o extremo
Com que amava o seu Benzinho,
Que até queria gozar
Um vapor do seu cuzinho.

325 «Enojou-se o tal amante
Dessa louca petição,
Apesar de conhecer
Que era excesso de paixão.

330 «Mas instado pela Ninfa,
Lhe enviou o tal presente;
Ela quando o recebeu,
Ficou louca de contente.

335 «Prezou tanto aquele mimo
Que dizem (se não é peta)
Que trazia sempre ao peito
O peidinho na boceta.

«Aqui verás, bela Musa,
No exemplo desta Dama,
Até onde se remontam
340 Os extremos de quem ama.

«Mas que rara diferença
Entre ti, Musa formosa,
E aquela Dama esquisita,
Em amor tão extremosa!

345 «Ela, do seu bem amado,
O traque guardou com gosto,
E tu, por um que soltei,
Me voltaste irado o rosto.

«Ela tomou por fineza
350 E como prenda selecta
O peidinho que o amante
Lhe mandou numa boceta.

«E tu, ingrata e severa,
Recebeste como agravo,
355 O festejo que te fiz
Com um foguete de rabo.

«E será crível que teimes
Em tratar-me com rigor,
E que te não compadeças,
360 De um amante peidador?»

Disse, e vendo que a Musa
Insensível se mostrava,
Voltei-me contra o traseiro,
E com ele assim falava:

365 – «Já que afugentaste a Musa
Que os doces versos inspira,
Contra ti quero voltar
O furor da minha ira.

«Tomara que me dissera
370 Quem o mete a Bacharel,
Para vir aqui também
Representar seu papel.

375 «Suja quantos papéis há
E não se humilha, o velhaco;
Cale-se, não abra o bico,
Meta a viola no saco.

380 «Não ouse falar à Musa
Nem figurar de Cupido,
Ainda que seja cego
Como esse Deus de Gnido.

385 «Você ronca e fala grosso?
Em que funda a presunção?
Será em ser sol da Índia
Na comua opinião?

390 «Se nisso estriba a soberba,
Já lhe digo que é um tolo,
E qualquer pode provar
Que tal é o seu miolo.

395 «Que vale ser sol da Índia,
Se sempre anda encoberto
Entre as sombras de umas calças,
Com sujas fraldas coberto?

400 «Humilhe-se e reconheça
Que é um porco e vil cagão,
Em Parnaso mais não fale,
Metendo-se a taralhão.

405 «Saiba que lhe fede o bafo
Quando alguma cousa diz;
Não torne a falar à Musa,
Porque ofende o seu nariz.

«Aliás, hei-de meter-lhe
Nessa boca um grande rolho,
Pois falar não deve às Musas
A porca gente de um olho».

405 Falando assim c'o traseiro,
Lhe propus estas razões;
Mas vendo que murmurava,
Desapertei os calções.

410 Comecei raivoso a dar-lhe
A surra que merecia,
Mas então com mais furor
Disparou a Artilharia.

Então, irado, lhe disse:
– «Ó magano, você zomba?»
415 E dando-lhe uma palmada,
Atirou logo uma bomba.

Fez tal estrondo no Pindo
Este estoíro furibundo
Que julgo soou nos pólos
420 E que atroou todo o Mundo.

Mijaram-se as Musas todas
Com tão hórrido trovão;
A todas deixou pasmadas
Esta peidal explosão.

425 Houve tal que espavorida
Caiu logo com desmaio,
Supondo que sobre o Pindo
Tinha caído algum raio.

430 O certo é que o tal monte
Ficou cheirando a chamosco;
E com o vapor que exalou,
Toldou-se o ar, ficou brusco.

Com o medo, a Castália fonte,
Que urinava as estopinhas,
435 Teve logo dor de pedra,
E só mijava às pinguinhas.

Tremeu assustado o Pégaso
E pelo monte correu,
Dando traques e pinotes
440 C'ó susto que recebeu.

Debalde então repreendi
O revoltoso traseiro,
Pois a tudo respondia
Dando um tiro de morteiro.

445 Deu bombas com tanta força
Que não obstante os meus ralhos,
Calção, camisa e ceroulas,
Tudo me fez em frangalhos.

Então julguei que o traseiro
450 Me teria arrebetado;
Logo apalpei e senti
Que estava todo molhado.

Fiquei triste por me ver
Feito o Chefe dos cagões,
455 E na força da tristeza
Rompi nestas expressões:

– «Ouve, Apolo, as tristes súplicas
De um infeliz peidador;
Vem secar-me as sujas calças
460 Com teu benigno calor.

«Eu bem sei que não sou digno
De te achar hoje clemente,
Pois com mil crimes de rabo
Tenho sido delinquente.

465 «Eu sei que o teu sacro monte
Muitas vezes profanei,
Cometendo um sacrilégio
Em cada estoiro que deí.

«Mas desculpa este fracasso,
470 E mova-te a compaixão,
O sujo e nojento estado
De um miserável cagão.

«Compadece-te de ver-me
Triste, aflito, enchovalhado;
475 Perdoa-me este delito,
Pois a ti é reservado.

«E vós, furibundo Éolo,
Que regeis todos os ventos,
Fazei cessar no meu rabo
480 Estes sopros fedorentos.

«Atendei aos justos votos
Do mais humilde cagão;
Reprimi do meu traseiro
A peidal rebelião.

485 «Fazei cessar tanto estoiro;
Mas se for vossa vontade,
Aqui peidando estarei
Por toda a eternidade».

490 No meio destes meus rogos,
Uma velha apareceu
Que para mim caminhava
Com uma chapa de breu.

495 Pus-me a pensar quem seria,
E me lembrou por acaso
Que esta velha era mandada
Pelas Musas do Parnaso.

500 Apenas eu conheci
Qual era a sua intenção,
Recolhendo logo a fralda,
Fugi com os calções na mão.

Pelas ruas do Parnaso,
Cheio de medo corria,
E a maldita da velha
Dando às gâmbias me seguia.

505 Mas apenas me vi livre
Da tal velha enfurecida,
O Reverendo ás de copas
Lhe mostrei por despedida.

510 Eis aqui qual é a razão
Que de versejar me escusa,
Pois não posso fazer versos
Tendo contra mim a Musa.

515 Invocai vós, companheiros,
Neste dia o Deus Apolo,
E pulsando a lira d'ouro,
Cada um cante o seu solo.

Subi à fonte Castália,
Trepai ao Dêlfico monte;
E lá no cume beijai
520 E bebei da mesma fonte.

Invocai também as Musas,
Que são raparigas belas;
Se quereis ganhar aplausos,
Jogai atentos com elas.

525 Pois eu fui tão infeliz
Que entrando a jogar com fogo,
Por causa de um ás de copas,
Perdi com elas no jogo.

530 Elas são mui melindrosas,
Querem civil tratamento,
E não podem suportar
Um amante fedorento.

535 Tratai portanto estas Ninfas
Com toda a civilidade,
E vede que não solteis
Alguma ventosidade.

540 Procurai o seu influxo
Vós, amantes companheiros,
Mas levai com grandes rolhas
Bem tapados os traseiros.

FIM

IV. UMA *PEIDOLOGIA ALFABÉTICA* em prosa,

datada de 1706

Este é o primeiro e o mais antigo de três textos (os outros serão editados nos capítulos seguintes) que apresentam no título a palavra *Peidologia* e se caracterizam pela tentativa de definição do peido, alfabeticamente organizada. Ao contrário dos restantes dois, este é um texto em prosa, circunstância que não o afasta sobremaneira da orientação deste subgénero satírico.

A principal marca que se destaca em composições deste tipo é a paródia. No caso concreto desta *Peidologia Alfabética e Panegírica*, ela começa no subtítulo («Dedicada ao bem comum e escrita por um autor estrangeiro, graduado nas cousas naturais»), estendendo-se de seguida aos outros momentos de que habitualmente se compõe uma obra em prosa. É o caso da indicação do lugar presente no colofon: «Em Fuente rabia». É o caso ainda do prólogo ao leitor, em que o tema da relação da Arte com a Natureza surge parodiado com alguma graça e propósito. Está também presente o tópico do esforço do autor na composição da obra, subvertido com o recurso a uma linguagem equívoca: «a digeri e lancei fora, sem ajuda de autores e só com o meu trabalho». É, por fim, o caso da *Satisfação Prévia*, em que todos os lugares-comuns são rejeitados, com razões cómicas: «Não quis versos em louvor porque se não entenda que eu os pedi para fazer volume ou para chamariz dos aplausos»; «Não escrevo o meu nome nem donde sou natural e morador, porque já não espero casar nem que me mande[m] algum presente pela obra»; «Não busquei Mecenas para dedicar porque a obra por si se defende de que a comam entre dentes»; «se se rirem dela, isso mesmo é o que pertendo».

E o propósito cómico cumpre-se com efeito no *ABC* propriamente dito. O autor vai correndo as letras do alfabeto, de acordo com uma estrutura que se mantém inalterada: feita a pergunta «Que é o Peido?», segue-se a resposta com sinónimos metafóricos iniciados pela letra correspondente, depois devidamente justificados. A abordagem de cada letra termina com uma série de invocações, dirigidas aos diferentes sinónimos de «peido» arrolados.

Alguns dos sinónimos e das justificações são particularmente felizes e justificam em pleno a leitura do texto. Dentre os mais breves, poderemos citar dois exemplos: «É *Fábula* porque ninguém o crê por mais que grite, e é *Fábula* de Polifemo por ser de um só olho»; «É *Galé* porque há Peido forçado, que é o mesmo que espremido». Dentre os mais longos, dois dos melhores exemplos são os que se

seguem: «É *Carga* pelo muito que pesa enquanto se não lança fora, e tudo o que antes foi peso é depois alívio, mas é carga que depois de cair se não pode levantar e somente se levantam os circunstantes. Muitas vezes é carga cerrada em que mata mais o fumo que o fogo»; «É *Rio* de Cuama e é rio porque murmura; todo é fundo porque todo é cu, vindo de baixo, corre para cima, sai do cu, onde se pode ir beber da merda, e desemboca pela foz do espinhaço; as suas lampreias são lombrigas e os seus caranguejos piolhos ladros; nas margens tem bosques sombrios em que há tâmaras, pinhões e bolotas que se não colhem porque estão escondidas e caem de podres».

Testemunho: BL, Add, Ms. 20953, f. 324r-332r (an.)

Peidologia Alfabética e Panegírica

Dedicada ao bem comum

E escrita por um autor estrangeiro,

graduado nas cousas naturais

Parte 1.^a

Em Fuente rabia, com licenças necessárias e privilégios,
no ano de 1706

Para quem ler

Amigo Leitor,

Aqui te dou esta pequena obra, que fiz em grande ou pequeno serviço, público ou particular. Dirás que mais parece da Natureza que da Arte; mas não podes negar que é útil e necessária, para ti e para todos, que a Arte nela envergonha a Natureza e repreende a Antiguidade, pois nos séculos traseiros não houve autor que escrevesse sobre esta matéria, entendendo erradamente que era mal soante, porque a não souberam definir nem evacuar. Confesso que me custou muito e que borrei muito papel; e este mesmo papel te mostrará o muito que borrei, porque os manuscritos e papéis que me podiam servir estão nas câmaras dos senados e nos retretes dos curiosos; e, tendo alguma dificuldade de me prover com eles para esta obra, a digeri e lancei fora, sem ajuda de autores e só com o meu trabalho. Posso

dizer sem vaidade que é meu tudo o que aqui te dou. Sem autoridades nem alegações, atrás espero que me creias e que vás lendo para diante. Cuido que gostarás da obra, porque em qualquer letra do *ABC* acharás muitas definições do Peido; que até 'gora ninguém entendeu, sendo ele o mesmo em todas as línguas. Não pertendo a aura popular desta obra, mas sim a tua aprovação; porque deves confessar que sair o Peido à luz é para a saúde pública e que me deves a obrigação de te ensinar o que não sabias; sendo que, de ti para ti, podias melhor saber quem é e que qualidade tem o Peido, porque é filho de cada um mas tem a desgraça de que o enjeitam todos e ninguém o quer conhecer por filho, antes o deitam fora com estrondo e mau termo; só porque tem baixo nascimento, todos lhe voltam o rosto. Tem também altos espíritos e se mete em conversações muito autorizadas e, sem tomar vénia, fala quanto quer e mostra quanto pode; porque murmura disfarçado e, se se descobre, fala, grita e ronca de sorte que ninguém se atreve a responder-lhe, antes todos lhe fogem, porque ele se atreve a todos. Muito mais te podia dizer da sua pessoa e acções; mas, enquanto não saio à luz com outro livro intitulado *Graças e Desgraças do Peido*, te contenta por ora com este. Toma e vale.

Satisfação Prévia

Porque esta obra satisfaça a todos, me pareceu declarar por meu crédito que a não fiz com amanuense porque é contra minha natureza. Não quis versos em louvor porque se não entenda que eu os pedi para fazer volume ou para chamariz dos aplausos, que são suspeitos quando são pedidos. Não escrevo o meu nome nem donde sou natural e morador, porque já não espero casar nem que me mande[m] algum presente pela obra. Escrevi pela regra do *ABC* para que todos entendam o que escrevi; e porque, além de ser estilo celebrado e ideia fácil, com alcinho de habilidade, é impossível que se possa escrever sem o Alfabeto. Assim o afirma Plínio, Donelo, Brecório e Laguna, e, dos mais modernos, Mateus Ribeiro no seu *Alívio de Tristes*, e Escobar nos *Cristais da Alma*, e Luís Botelho Fróis no *Falarismo Infanticidário*; e por todos, com maior autoridade, o autor dos *Lentivos*, a quem sigo por Mestre; ele me desculpará como discípulo, pois para ele será todo o crédito e toda a Fama da obra, como inventor dela; se se rirem dela, isso mesmo é o que pertendo, e não me podem ofender porque me não podem nomear. Não digo os dias que gastei nesta obra porque não quero que me paguem por jornal, e confesso que a fiz de empreitada e com muita pressa para que não passasse de Maio e não perdesse o ser gabadinha; o estilo é corrente e claro, porque nesta matéria o mais corrente é o mais fácil e melhor para a saúde. Também sei usar de estilo mais alto e dificultoso, como mostrei na escolha do Manquinho, onde defendi publicamente as letras do *ABC* ou *AX* e as letras vogais todas, com tão bom aplauso que desde então mereci o sobrenome de Letrado, conhecendo eu que sou um Asno, um Basbaque, um Ridículo e uma Sevandija vil e inútil. Dei ao prelo esta obra porque não desmerece correr impressa, como muitas que não mereciam andar pelos confeitores; e porque o assunto é próprio de carácter redondo; não repare o Leitor em que me falta a licença de Prelado porque *sto nullius Diocesis*; e porque, quanto a

este assunto, sempre se pede licença ou perdão depois de sair à luz; pois, de antes, tem a dificuldade de se conceder, por se entender com ignorância que a matéria do Peido é contra os bons costumes. Não busquei Mecenas para dedicar porque a obra por si se defende de que a comam entre dentes; e, ainda que seja parto meu, não quis tomar um só compadre para que todos tivessem quinhão nela.

Que é o Peido? Responde
o A.

É *Aurora*, é *Árvore*, é *Ave*, é *Água*, é *Átomo* e é *Abismo*.

É *Abismo* porque se criou às escuras e ninguém o vê quando sai às claras; tudo nele é trovoada e horror medonho. É *Átomo* porque não se divisa e pelo muito que sobe. É *Água* porque se bebe. É *Ave* pelo muito que voa. É *Árvore* de fogo, a que vulgarmente se chama de traques. É, ul[ti]ma[mente], *Aurora* porque também orvalha e porque

se dentro em casa ri, no campo chora.

Ó *Aurora*, e que ligeira saís! Ó *Árvore*, e que depressa estouras! Ó *Ave*, e a quanto narizes te remontas! Ó *Água*, e a quantos bigodes molhas! Ó *Átomo*, quanta poeira levantas! Ó *Abismo*, quantas escuridades penetras!

Que é o Peido? Responde
o B.

É *Barro*, é *Barranco*, é *Balança*, é *Bainha*, é *Banquete* e é *Baile*.

É *Baile* porque a todos alegre com as suas mudanças. É *Barranco* porque nele todos caem com riso. É *Banquete* porque dele todos gostam, por ser comezinho, e pode convidar muita gente. É *Bainha* que serve em todo o nariz. É *Balança* que sempre levanta mais o que pesa menos, e no quintal chega ao chão o fiel e os contrapesos. É, ultimamente, *Barro*, não da maia mas de baixo, porque é forte e não se pode quebrar sem se ouvir. Ó *Barro*, que facilmente quebras! Ó *Barranco*, e quantos em ti caem! Ó *Balança*, vê como pesas! Olha que os teus mesmos pesos são testemunhas porque são testículos! Ó *Bainha*, olha que te mija o cão na ponteira! Escusas espada para matar

que não há melhor espada

quem mata só com as bainhas.

Ó *Banquete*, e quanto te bebem à saúde! Ó *Baile*, e que galhofa que fazes!

Que é o Peido? Responde
o C.

É *Cárcere*, é *Cítara*, é *Censura*, é *Cana*, é *Casa*, é *Carreira*, é *Carga*.

É *Cárcere* porque está preso; aqui, por Figura de Retórica, se toma o Peido pelo cu e o cárcere pelo preso; quando sai, grita para que lhe dêem passagem e, fugindo para os narizes que acha atrás e adiante, se mete neles como demónio e nem com a gota de cheiro o podem lançar fora. É *Cítara* porque se tempera com pena quando se teme que soe como trombeta ou como baixão; ou porque tem o espelho tapado como cítara e por isso sai a sua voz mais fina. É *Censura* de Livro porque fala e se mete no que lhe não toca, alegando autoridades de muitas barbas à margem, e tudo nele é provar, nunca acaba de falar e nem ele a si se sabe entender e se mete pelo Livro como pelo nariz. É *Cana* porque com qualquer vento cai e se torna a levantar, ou porque algumas vezes a sua voz é de cana melada e quando sai como um touro são canas as festas que lhe fazem os rapazes, quanto mais o cortam é mais vão, e não só é cana, mas canudo. É *Casa*; também aqui se toma o cu pelo Peido e se terá que é casa de viração; com uma só porta para o nascente e com nenhuma janela nos quartos baixos; sempre tem sombra e humidades que a fazem mais fresca e tem récua à porta; pode ser também casa de vestir, em que o botão que lhe entra sempre lhe deixa a marca dentro. É *Carreira* porque sempre sai apressado e porque, quando são muitos Peidos juntos, se costuma dizer que é carreira de Peidos. É *Carga* pelo muito que pesa enquanto se não lança fora, e tudo o que antes foi peso é depois alívio, mas é carga que depois de cair se não pode levantar e somente se levantam os circunstantes. Muitas vezes é carga cerrada em que mata mais o fumo que o fogo. Ó *Carga*, e quanto pesas! Ó *Carreira*, a quantos cansas! Ó *Casa*, quantos lanças fora! Ó *Cana*, a quantos sacodes! Ó *Censura*, quantos enfadas! Ó *Cítara*, quanto desafinas e a quantos amofinas!

Que é o Peido? Responde
o D.

É *Desterro*, é *Depósito*, é *Desacordo*, é *Dor*, é *Demarcação*, é *Delírio* e é *Desafio*.

É *Desafio* porque obriga a sair a campo, ou porque já por amor dele houve muitos desafios. É *Delírio* porque às vezes toma a cor do cu e sai roxo, ou porque todo é rabo e nada cabeça, ou porque fala, corre e atira como delirante, e como doido não sabe o que faz e por isso se riem todos dos seus feitos. É *Demarcação* do monte *cuculi*, que divide as duas nádegas até águas vertentes, onde tem levantado um Padrão com letras grandes, quase redondas; e se vêem de muito longe, como se pode ver facilmente da geografia no capítulo que começa Fundilhos *prope finem*; e em Plínio, *De Rerum Natura*; e em o livro do P.^e António da Costa Cacunda. É *Dor* e dor de barriga; também para nascer custa muitas dores; mas tem de bom que logo anda tanto que nasce, e como enjeitado se mete na roda, e sem tomarem quinhão nele o deitam fora, e em sendo de mama vai buscar sua vida. É *Desacordo* porque também há Peido dormindo, antes com o sono sai à sua vontade e mais seguro de que o recolham outra vez para dentro; e só nele é sonho certo, porque nunca houve

Peido, sonhando, que não saísse verdadeiro. É *Depósito* de estômago quando não tem que gastar e se vale dele para se encher e o aplica a obras secretas e prúvidas no caso das suas necessidades. É *Desterro* porque desterra todos os bons cheiros e é mais propriamente desterro quando é Peido de frade Bernardo morador em Lisboa. Ó *Desafio*, e como és arriscado! Ó *Delírio*, e quando te verás de rosas? Ó *Demarcação*, e que bem que repartes! Ó *Dor*, e quanto apertas! Ó *Desacordo*, e que bom sono fazes! Ó *Depósito*, e como te abres! Ó *Desterro*, e a quantos castigas!

Que é o Peido? Responde
o E.

É *Espelho*, é *Espinho*, é *Empréstimo*, é *Engodo*, é *Estio*, é *Estopa* e é *Estrela*.

É *Espelho* porque um Peido é espelho de outro Peido, assim como um coração é espelho de outro coração; ou porque a todos faz má cara, ou porque, assim como um espelho quebrado qualquer pedaço dele é um espelho, também um Peido inteiro, ou seja maior ou mais pequeno, sempre é o mesmo: fede do mesmo modo que o vidro representa os objectos inteiros estando quebrado; em Figura de Leão o tomou SAVEDRA na empresa: *semper idem*. É *Espelho*, posto que embaciado, e é espelho de odre cheio de vento. É *Espinho* porque muitas vezes sai espinhado do cu e principalmente a quem tem almorreimas. É *Empréstimo* porque ninguém quer confessar que o dá ainda que o não tornem a pedir. É *Engodo* para os gulosos de rabaçarias. É *Estio* porque é vento quente e são de baixo, que às vezes traz consigo humidades. É *Estopa* porque entre as Damas é grossaria, ou porque se dá alguma vez fiado em outro estrondo que o encubra. É *Estrela* de rabo a que chamam cometa, influi ar corrupto e os seus feitos sentem mais os que têm maior nariz. Ó *Estrela*, e que depressa te pões! Ó *Estopa*, em que te fias? Ó *Estio*, e que calma que fazes! Ó *Engodo*, e a quantos empulhas! Ó *Empréstimo*, e quem te há-de pagar? Ó *Espinho*, e a quantos pisas o cu! Ó *Espelho*, quantos te viram o rosto!

Que é o Peido? Responde
o F.

É *Fábula*, é *Faísca*, é *Flor*, é *Folha*, é *Feno*, é *Fio*, é *Fumo* e é *Fantasma*.

É *Fábula* porque ninguém o crê por mais que grite, e é Fábula de Polifemo por ser de um só olho. É *Faísca* quando sai ferindo fogo ou com o fogo no rabo. É *Flor* porque todos o conhecem pelo cheiro e tem a raiz no olho; em todo o tempo e em toda a terra se dá. É *Folha* corrida, pelos muitos sinais que tem para ser conhecido; ou porque cai com o vento. É *Feno* porque nasce sem se semear. É *Fio* porque se quebra quando o cu se rasga ou porque, quando são muitos, saem enfiados. É *Fumo* que pela chaminé do cu lança o estômago quando está cozendo. É *Fantasma* porque não tem corpo, porque é cousa má; e porque ordinariamente sai de

noute; não se pode pegar, por mais perto que se possa ouvir; mete medo porque se lhe ouve a voz e se lhe não vê o corpo. Ó *Fantasma*, e a quantos assustas! Ó *Fumo*, e que assim fedes! Ó *Fio*, e como és podre! Ó *Feno*, e de que serves? Ó *Folha*, quantos narizes cortas! Ó *Flor*, que mau ramilhete fazes! Ó *Faísca*, quando te acendes? Ó *Fábula*, quanto enganas!

Que é o Peido? Responde
o G.

É *Galé*, é *Guerra*, é *Girândola* e é *Grimpa*.

É *Galé* porque há Peido forçado, que é o mesmo que espremido. É *Guerra*, mas guerra suja, em que sempre há Peido em cu como baba em boca; tudo são tiros e todos pela culatra e todos por elevação porque, apontando-se aos calcanhares, acertam nos narizes. É *Girândola* de foguetes de rabo e às vezes de lágrimas. É *Grimpa* quando se põe o cu para o ar ou se toma o pino; e anda com o vento, mostrando que vem de baixo. Ó *Grimpa*, e que depressa te viras! Ó *Girândola*, e quantos estouros dás! Ó *Guerra*, e quantos prisioneiros soltas! Ó *Galé*, e quantas costas guardas!

Que é o Peido? Responde
o H.

É *Horror*, é *Hora*, é *História*, é *Holocausto*, é *Hospedagem* e é *Hospital*.

É *Horror* porque o seu estrondo mete medo e porque sai da escuridade. É *Hora* e aponta que é hora de cagar, e tem só dous quartos, que sempre andam traseiros porque estão os pesos baixos. É *História* que acaba de estouro e todos lhe acham graça porque se riem dela. É *Holocausto* quando se oferece à honra de algumas barbas. É *Hospedagem* para os que quiserem porque está no meio da estrada com ramo à porta e alforges pendurados. É *Hospital* porque nele tudo é pálido e descorado e nele sempre há mau cheiro. Ó *Hospital*, e quantas doenças tens de câmaras! Ó *Hospedagem*, e quem te há-de querer? Ó *Holocausto*, e que mau fumo tens! Ó *História*, vai buscar quem te creia! Ó *Horror*, deixa-me fugir! Ó *Hora*, como és minguada!

Que é o Peido? Responde
o I.

É *Jogo*, é *Inverno*, é *Incêndio*, é *Imagem*, é *Íris* e é *Ironia*.

É *Jogo* de cartas em que só faz vaza Ás de ouros e Ás de copas; é jogo de dados porque são dados todos os Peidos e não vendidos. É *Inverno* porque é tromenta de vento e sempre de baixo. É *Incêndio* em que se não vê mais que o fumo nem se apaga com água e mais se acende com o vento. É *Imagem* do Inferno porque se sente e não se vê, pela sua escuridade e pelo seu fedor. É *Íris* que sai antes da tempestade, quando se abrem as cataratas do cu, porque é olho que tem cataratas. É *Ironia* porque, fedendo tanto, dizem que cheira. Ó *Ironia*, quanto mentes! Ó *Íris*, quanto choras! Ó *Imagem*, quanto representas! Ó *Incêndio*, quanto fumo lanças! Ó *Inverno*, quanto duras! Ó *Jogo*, e que maus baralhos dás!

Que é o Peido? Responde
o L.

É *Labirinto*, é *Laço*, é *Lua*, é *Lida*, é *Luto* e é *Luç*.

É *Labirinto* porque ninguém acerta com a porta para sair tanto que ele começa a feder, ou porque, havendo muitos na porta, não se sabe qual deles é seu dono; e tanto que o Peido sai se perde o fio da história. É *Laço* em que caem todos os narizes, e os narizes caem mais depressa. É *Lua* que se vai pondo quando vai nascendo e todos os seus quartos são crescentes, influi em tudo o que está cheio e mais influi na praia que no mar, e nas marés vazias se vêm os seus feitos. É *Lida* dentro das tripas antes que saia ou lida para que se recolha, porque muitas vezes, nascendo o Peido, o afogam à nascença e morre bufa. É *Luto* porque ninguém o viu sem rabo e suspira pela boca pequena quando é sofrido, e sempre sai de avesso, metendo-se de gorra, chora por um olho sem rir pelo outro, porque não tem mais que um. É *Luç* de fogo do monturo que se acende com o vento e nunca se apaga bem. Ó *Luç*, como és escura! Ó *Luto*, e quanto alegrias se te alivias! Ó *Lida*, quanto cansas! Ó *Lua*, quanto cresces! Ó *Labirinto*, quanto enredas!

Que é o Peido? Responde
o M.

É *Manhã*, é *Maná*, é *Moinbo*, é *Momento*, é *Música* e é *Miséria*.

É *Manhã* do sol da Índia e sai mostrando que lhe fica atrás o sol. É *Maná* porque fede a tudo. É *Momento* porque em um momento sai, corre e fede. É *Música* porque um só Peido canta muitas vezes; dentro da barriga é contrabaixo, fora do cu é tenor; se o apertam em sustenido é contralto, se levanta o compasso é tiple e se canta em meia voz é falsete. O cu lhe dá o tom e lhe faz o compasso; quando se dilata nas gargantas, faz os bemolados; quando se apressa, faz as fugas e em uma só clave e com um só guião canta todas as vozes, furtando os pontos e fazendo as passagens com muita destreza; ele mesmo se acompanha e toca todos os instrumentos de vento! É baixão se pega na palheta, é corneta se vem torcido e se

faz mais força em sair, e, abaixando o ponto, é fagote. Saiba-se que um só Peido forma uma capela, com tal destreza que só quando canta em câmara necessita de papéis; porque quase sempre canta por fantasia nas conversações sem ser rogado; mas é tão áspero que melhor se ouve de longe, na voz de câmara é mais brando e mais corrente; ainda que a voz lhe fogue para o nariz, nem por isso desentoa, não explica bem a letra mas todos o entendem, cada um para si. É *Miséria* quando chega a cagar a camisa ou quando se aperta tanto que se não dá inteiro. Ó *Miséria*, quem te há-de sofrer? Ó *Música*, quem te pode ouvir? Ó *Momento*, que ligeiro que passas! Ó *Moinho*, quantos narizes móis? Ó *Maná*, como estás corrupto! Ó *Manhã*, e como és escura!

Que é o Peido? Responde
o N.

É *Nau*, é *Neve*, é *Névoa*, é *Nuvem*, é *Noute* e é *Nada*.

É *Nau* porque anda com vento. É *Neve* porque às vezes nos convites se dá em lugar de sorvete. É *Névoa* porque nunca logo se exala. É *Nuvem* porque passa com trovões secos. É *Noute* porque nunca dá luz e sempre está no escuro horizonte de esbulho. É *Nada* porque não é vento e não tem mais corpo que o do cu donde sai. Ó *Nada*, para que te metes em tudo? Ó *Noute*, como és escura! Ó *Nuvem*, quanta chuva trazes! E quantos raios lanças quando te rasgas! Ó *Névoa*, quando cobres esse olho do cu? Ó *Neve*, e quanto te derretes! Ó *Nau*, em quantos baixos perigas saindo pela barra do cu!

Que é o Peido? Responde
o O.

É *Oriente*, é *Outono*, é *Orvalho* e é *Órgão*.

É *Oriente* para os antípodas do cu e por isso ao cu se chama sol da Índia; nasce e logo se põe. É *Outono* porque, assim como o Outono não é quente nem frio, assim também o Peido é morno e tépido; se o Outono faz rebentar as fontes, também o Peido faz rebentar quando se retém e faz rebentar pelas ilhargas com riso quando sai. É *Orvalho* quando o cu está de purga e mais propriamente quando se caga no rocio. É *Órgão* porque com o vento faz todas as vozes e se levanta por detrás, e a barriga é o fole; mas para tanger não há-de mister ajuda porque faz tudo por si. Ó *Órgão*, e como desafinas! Ó *Orvalho*, a quantos borrifas! Ó *Outono*, a quantos fazes rebentar! Ó *Oriente*, torna atrás o teu curso!

Que é o Peido? Responde
o P.

É *Primavera*, é *Pintura*, é *Péla*, é *Porta*, é *Pomo*, é *Pó* e é *Procissão*.

É *Primavera* de labirintos da largura do cu e quase sempre se gasta em peça porque se rasga muito e dura pouco; viola é de bom debuxo porque do bucho sai; não se tirou por alto porque se lhe vê o olho na fralda de detrás. É *Pintura* porque toma todas as cores que lhe quiserem dar, sempre o disfarçam e lhe põem outro nome; se sai com estrondo, dizem que foi uma cadeira que se arrojou e, se sai em voz baixa, dizem que é um sapato que rompeu; mas a graxa fede tanto que logo se vê que se lhe dá esta cor e ninguém lhe põe o *faciebat*. É *Péla*, mas péla de vento que, lançada entre muitos, anda sempre no ar e cai no chão para subir com mais força; sai da cova rechaçada e sempre fica gafa em algum nariz. É *Pó* porque é *Pó Diabo*. É *Porta*, mas porta nova, porque lhe range muito a couceira e estrala com o soão. É *Pomo* que nasce em terra bem estercada, muitas vezes cai escavado, tem grande caroço e pelo cheiro se mete entre a roupa branca. É *Procissão* quando vêm muitos, uns atrás dos outros, e isto mais propriamente é arreata de Peidos. Ó *Procissão*, não passes pela minha porta! Ó *Pomo*, e como estás podre! Ó *Porta*, em quantos dás contigo mesmo nos narizes! Ó *Pó*, e quanto te levantas! Ó *Péla*, quantos repiques fazes! Ó *Pintura*, quantas vezes te borras! Ó *Primavera*, em quantos guarda-pós te achas!

Que é o Peido? Responde
o Q.

É *Queda*, é *Quitação*, é *Queixa* e é *Questão*.

É *Queda* porque só quando chega a cair se pode conhecer; é queda sobre duro e sobre mole, mas sempre molesta os narizes. É *Quitação* do cu porque com ela fica livre e desobrigado de ventosidades. É *Queixa* de flatos ou porque sempre sai queixando-se e dando suspiros. É *Questão* porque porfia com as tripas e porque há gritos de parte a parte antes que se resolva. Ó *Questão*, quanto ventilas! Ó *Queixa*, e que mal te fundas! Ó *Quitação*, e que depressa te passas! Ó *Queda*, a quantos assustas!

Que é o Peido? Responde
o R.

É *Rio*, é *Raio*, é *Relógio*, é *Roda* e é *Rosa*.

É *Rio* de Cuama e é rio porque murmura; todo é fundo porque todo é cu, vindo de baixo, corre para cima, sai do cu, onde se pode ir beber da merda, e desemboca pela foz do espinhaço; as suas lampreias são lombrigas e os seus caranguejos piolhos ladros; nas margens tem bosques sombrios em que há tâmaras, pinhões e bolotas que se não colhem porque estão escondidas e caem de podres. É

Raio porque sempre cai com trovão. É *Relógio* de sol que sempre está no meio-dia e pela sombra se conhece o seu curso; também dá horas, as tripas são as rodas e por fora se lhe vêm logo abaixo os pesos; sempre anda traseiro e se destempera muitas vezes; a chave que lhe serve é macha, é despertador e tem quartos. É *Roda* de foguetes e traques. É *Rosa* de Alexandria porque é purgativa. Ó *Rosa*, a quantos purgas! Ó *Roda*, e que depressa te voltas! Ó *Relógio*, e que fortes horas dás! Ó *Raio*, a quantos assombra! Ó *Rio*, a quantos afogas!

Que é o Peido? Responde
o S.

É *Seta*, é *Sono*, é *Sonbo*, é *Sombra*, é *Silogismo*, é *Sumário* e é *Solfa*.

É *Seta* pela ligeireza com que sai e o cu é a aljava. É *Sono* porque ronca, mas com o olho aberto. É *Sonbo* porque ninguém faz caso dele. É *Sombra* porque não tem corpo e só tem cu. É *Silogismo* porque o Peido é a maior, a Bufa a menor e o Cagalhão a consequência; quem o põe não o prova, quase sempre nega a maior e se concede a menor, para se provar a consequência com um *per te*. É *Sumário* de preso que foge por partes fracas porque, ficando banido, ninguém lhe pega nem o acha. É *Solfa* porque levanta e abaixa o tom pelas entoações de V, ré, mi, fá, sol, lá, convém a saber: V é Peido de frade gordo; Ré é Peido de beata com almorreimas; Mi é Peido de senhora viúva; Fá é Peido de freira afogado na grade; Sol é Peido de noiva em visita; Lá é Peido de donzela que ainda tem o tiple. Ó *Solfa*, quantas vezes desentoas! Ó *Sumário*, que depressa te resolves! Ó *Silogismo*, quantos colhes! Ó *Sombra*, quantos segues! Ó *Sonbo*, a quantos mentes! Ó *Sono*, e como és solto! Ó *Seta*, e como penetras!

Que é o Peido? Responde
o T.

É *Teatro*, é *Tragédia*, é *Transformação*, é *Teia* e é *Trânsito*.

É *Teatro* onde o cu representa várias figuras; na Bufa, o papel de Dama; no Peido arrogante, o de Galã; no Peido de câmaras, o papel de Barbas; no Puxo seco, o papel de Lacaio; estes mesmos fazem o entremez e estes mesmos são os mosqueteiros. É *Tragédia* porque o papel de Galã acaba de estouro; a Dama morre afogada; o Barbas morre de gota e o Lacaio morre de sede. É *Transformação* porque o Peido é estrondoso, tem cada um para si que é morteiro; se é Peido de capa e espada e menos forte, parece rabeção; se é afogado, parece gato; se é à surdina, parece fole de órgão que se vaza a borracha e que lança fora o vento; enfim, o Peido se transforma e se parece a tudo o que parece Peido. É *Teia*, mas teia de pano de linho que se rasga. É *Trânsito* porque tanto que sai não pára e vai de passagem. Ó *Trânsito*, que breve és do cu até o nariz! Ó *Teia*, que facilmente te rasgas porque estás

podre! Ó *Transformação*, quem te cheirar logo te há-de conhecer! Ó *Tragédia*, quantos matas ainda na primeira jornada! Ó *Teatro*, olha que te vás abaixo!

Que é o Peido? Responde
o V.

É *Vapor*, é *Vestido*, é *Vidro*, é *Vento*, é *Voz* e é *Vaidade*.

É *Vapor* que se levanta do cu e tão corrupto que é uma peste; o melhor defensivo é tapar o nariz e pôr contra vento. É *Vestido*, mas da cintura para baixo, e é mais interior porque anda entre a camisa e a carne; é cortado à medida do cu e vem junto a todos; não se despe sem que se ouça rasgar. É *Vidro* de ventosa porque chupa; é vidro de lambique por onde se destila o cu, e é vidro porque os naturais dizem que é transparente. É *Vento*, o meu Leitor o pode provar com a experiência, mas é necessário dizer que é vento de furacão e vento pelo olho. É *Voz*, mas primeiro entra pelos narizes que pelos ouvidos, e é voz do cu que se acomoda com todas as línguas, porém não se sabe o que significa; uns dizem que é o mesmo que *ibi*, outros dizem que é interjeição do cu quando está em aperto; porém os Peidológicos modernos dizem que não é voz de sentir mas um sinal de que quer cagar, para que se afastem os circunstantes; é voz natural e para voz perfeita nada lhe falta: todos a percebem e até os cães a entendem pelo faro. É *Vaidade*, que é o mesmo que ventosidade, e para a explicação vos remeto ao que fica atrás; porque vaidade é a acção do vento e que esta é o nosso Peido se prova pela evidência, e ainda de ouvida, mas *pro Jani rebus*, digo que se ninguém nega e se mostra que o Peido é vaidade, logo também se deve conceder que toda a vaidade é Peido, só com a defesa de que sobe do rabo à cabeça e sai pela boca, assim como o Peido sai pelo cu e ainda fede mais porque sai em linha recta; o que tem vaidade de gentil-homem tem um Peido no focinho; o que tem vaidade de fidalgo tem um Peido metido nas veias e este sai com raios de sangue pela boca como disenteria; o que tem vaidade de discreto tem um Peido metido na cabeça e, porque lhe não pode sair, lhe dará volta ao miolo assim como dá volta à tripa; o que tem vaidade de letrado tem um Peido metido no Capelo Doutoral; o que tem vaidade de valente tem um Peido metido nos copos da espada; o que tem vai[da]de de rico tem um Peido metido na bolsa, e finalmente a Dama que tem vaidade de fermosa tem um fermoso Peido metido no seu toucador; e todos têm os seus Peidos onde têm as suas vaidades porque todas as suas vaidades são Peidos; que, se este Peido fora visível, todos se envergonharam de o ter, assim como se envergonham de o dar. Ó *Vaidade*, a quantos abranges! Ó *Voz*, a quantos soas! Ó *Vento*, quanto assopras! Ó *Vidro*, e como estalas! Ó *Vestido*, e quantos te remendam! Ó *Vapor*, e que mau cheiro espalhas!

Que é o Peido? Responde

o X.

É *Xara*, é *Xadrez* e é *Xaque*.

É *Xara* porque corre muito em nascendo, antes de saber andar já sabe correr por baixo e por cima, pois não há nariz, por mais alto que seja, que se livre deste corrimento, ou curso, que vale o mesmo, e, correndo tanto, todos o apanham porque ele se vai meter com todos os seus ouvintes. É *Xadrez* porque, assim como todas as peças do xadrez, sendo tão diferentes, grandes e pequenas, se metem todas em um saco; também o Peido se multiplica em muitos, pequenos e grandes; e saem todos de uma mesma barriga ou de um só cu; alcançam uns aos outros conforme os lances; os Peidos grandes são as maiores peças; os Peidinhos são Peões; nem a mais fermosa Dama se livra deste jogo e como qualquer cavalo faz figura; também às vezes se transpõem e sai primeiro a Bufa que o Peido Delfim; cada um tem seu modo de andar porque o Peido grande salta como cavalo e a Bufa, como Peão, anda só por uma casa e não se ouve na rua como o grande, mas todos fedem do mesmo modo; assim como as peças do xadrez todas ganham sem diferença. Há em que um Peido {em que um Peido} pode ser tão bem posto que é mate a tudo. É *Xaque* para os circunstantes, que se desviam a buscar outra casa ou ir para outra rua, receando o mate porque os não mate o fedor. Ó *Xaque*, quantos fazes fugir! Ó *Xadrez*, a quantos narizes dás mate! Ó *Xara*, quanto corres!

Que é o Peido? Responde
o Z.

É *Zombaria*, é *Zizânia*, é *Zunido*, é *Zodiaco* e é *Zona* tórrida.

É *Zombaria* porque, ainda que todos zombam do Peido, ele zomba de todos e vai passando assim zombando, sendo por este modo zombaria, activa e passiva; se todos se riem dele, ele também se vai rindo de todos e se escagalha com riso e rebenta pelas ilhargas do cu, desfazendo-lhe todas as suas pregas e se alegra a almorreimas despregadas. É *Zizânia* porque é mexerico pela boca pequena e muitas vezes causa desconfianças em quem não for muito traquejado. É *Zunido* porque todo o Peido sai zunindo, como bala ou como besouro, mas não se lhe vê o fumo nem o corpo; é trovão às avessas, que primeiro se lhe ouve o estrondo do que se lhe veja o relâmpago. É *Zodiaco* porque também tem sinos, de bem longe se lhe ouvem as badaladas; nele se acham todos os animais do Zodíaco; porque Peido marra de narizes como Carneiro, faz espalhafato como Touro, berra como Cabra, anda para trás como Caranguejo; é Libra nas ventas do nariz porque tanto pesa em uma como em outra; é Sagitário porque atira para trás para dar adiante; é Leão porque sempre tem o olho aberto e sai com fúria e outras vezes desgarrado, arrastando o rabo. É Pixis porque muitas vezes espinha o cu e sai escamado; é Aquário porque domina

sobre os que bebem; é Geminis porque muitas vezes saem dous Peidos juntos, um pelo cu, outro pela boca, a que chamam arrote; é Escorpião porque sai da toca do cu e se mete nos buracos do nariz como lagarto; é Virgo porque ninguém o viu até 'gora, ou porque custa tanto a sair como o outro a entrar; pois há Peido que não cabe pelo cu e o alarga de sorte que lhe faz deitar sangue. É *Zona* tórrida porque parte pelo meio o globo prepósteros e, ainda que os seus ares são quentes, é habitada aquela parte de todos os animais que têm rabo e há nela tudo o que se pode pedir por boca. Ó *Zona* tórrida, como és quente! Ó *Zizânia*, a quantos malquistas! Ó *Zunido*, a quantos estruges! Ó *Zodiaco*, que mal tanges os sinos! Ó *Zombaria*, como és pesada!

Que é finalmente o Peido? Responde
o Alfabeto.

É *Lenitivo*, é *Purga*, é *Lambedor*, é *Emplasto*, é *Xarope* e é *Química*.

É *Lenitivo* da dor de barriga, que, cheia de flatos e vaidades, ou ventosidades, se vaza desencadernadamente em obra fétida ou diarreia. É *Purga* porque lança fora todos os maus humores mas a sua receita tem tantos simplices que faz um laivo muito grande cujas folhas se aproveitaram nas resultas. É *Lambedor* para a tosse do cu e com ele se lhe abre a serração. É *Emplasto* em que se estende o unguento lenitivo. É *Xarope* alexifármaco a que os latinos chamam também lenitivo. É *Química* em que se extrai a quinta-essência das tripas pelo lambique do cu e tem virtude purgativa adstringente e lenitiva como se pode ver e notar na receita impressa a que remeto o meu Leitor, enquanto lhe não dou outra obra que se ande digerindo e seja para saúde.

V. UM PEIDO ALFABÉTICO em verso, datado de 1710

Transmitido por três testemunhos manuscritos e anónimo em todas eles, este poema revela grandes similitudes em relação ao texto apresentado no capítulo anterior. Também aqui a paródia começa por se revelar ao nível dos elementos paratextuais, a começar pelo cólofon: «Com licença da Câmara, à custa da Limpeza»; «Impresso em certa parte, na Oficina Secreta». Também o desenho e o acróstico sublinham de imediato esta vertente subversiva do poema, apoiada num humor por vezes bastante feliz: «É *Entendido* porque tudo o que se lhe ouve é muito fundo e ninguém lhe sabe responder com palavras».

Mas a parte mais interessante da obra é, sem dúvida, o *ABC*, que adopta a forma da oitava-rima. Cada estrofe é uma acumulação de sinónimos metafóricos, justificados de forma muito sucinta. Parte deles é comum aos outros dois textos do género, mas outros são bastante originais: «*Estio* quando é seco ou vem molhado»; «É *Guerra* em que o nariz é o soldado,/ Só do fumo da pólvora vencido»; «*Porta* que abrem Senhoras e Senhores,/ Roncando-lhe a couceira e fechadura»; «*Silogismo* sutil que se desata/ E que se prova logo em continente».

Testemunhos: BL, Add, Ms. 20953, f. 332v-335v (an.) = A_1 / LC, P, Ms. 168, p. 91-95 (an.) = A_1 / BNRJ, Ms. 6, 1, 34, p. [631-646] (an.) = A_2

Versão de A_1

Peido Alfabético definido e explicado por um Mestre de Meninos de Lisboa

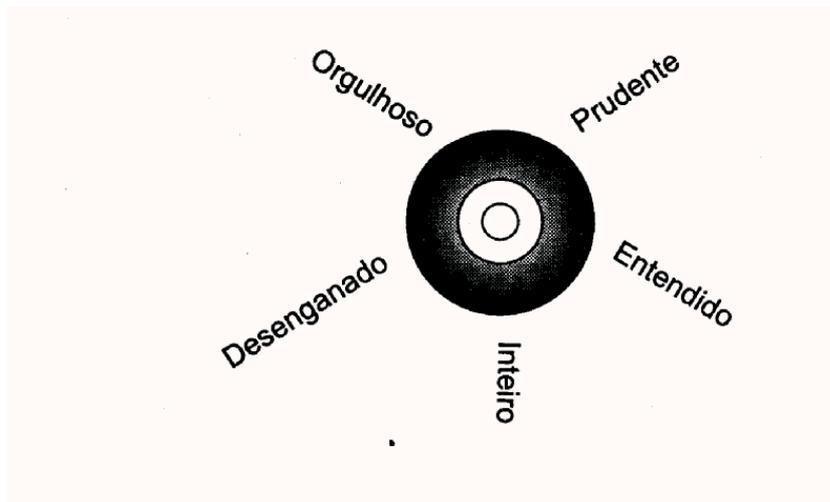
Para todos os autores que escreveram sobre a regra do ABC

Com licença da Câmara, à custa da Limpeza

Parte 2.^a

No ano de MDCCX

Impresso em certa parte, na Oficina Secreta



Título. Peido Heróico e Alfabético. A Peidologia, à imitação dos *Lenitivos da Dor*, obra que se imprimiu A_2

Indicação autoral. Por um Mestre de Meninos da Cidade de Lisboa A_1 Do Mestre de Meninos do Porto de Muge A_2

Cólofon. No ano de MDCCX] Ano 1712 A_1 . Ausente em A_2 . Em A_1 segue-se o subtítulo: Definição de suas qualidades

Tem o Peido em cada uma das letras do seu nome a melhor prova das suas virtudes, e em cada uma das suas virtudes se prova toda a grandeza do seu nome.

5 É *Prudente* porque ninguém o ouve diante de pessoas de autoridade; recolhe a prosa e, quando muito, larga pela boca pequena algum suspiro ou bocejo, que mal o percebem os ouvidos, ainda que o entendam os narizes. É *Entendido* porque tudo o que se lhe ouve é muito fundo e ninguém lhe sabe responder com palavras. É *Inteiro* porque ninguém o viu partido e porque se não sabe desdizer tanto que
10 chega a falar. É *Desinteressado* porque sempre dá, e de tal sorte que se dá a si mesmo. É *Orgulhoso* porque finge várias formas para não ser conhecido, e para o seu intento sai quase sempre disfarçado; com tudo se parece, mas nada o iguala, e melhor o louva a seguinte quintilha acróstica:

15 Para todos é igual
 Este que Peido se chama.
 Juntamente é bem e mal;
 Dele corre boa fama
 Onde se sabe o que vale.

Para quem ler

20 Com licença das barbas dos Leitores,
 Veremos no Alfabeto, pois nos toca,
 Que cousa é Peido e todos seus Louvores,
 Para com isto se tapar a boca
 A alguns reverendíssimos autores,
25 Cuja arrogância a tanto nos provoca;
 Porque as sinificações que dão à vida
 No nosso Peido têm melhor saída.

1. do seu nome] de seu nome A_1
1.-2. das suas virtudes] de suas virtudes A_1 da sua virtude A_2
3. do seu nome] de seu nome A_1
6. mal o percebem] mal percebem A_2
9.-10. tanto que chega] quanto que chega A_2
10-11. porque sempre dá, e de tal sorte que se dá a si mesmo] porque sempre se dá a si mesmo A_2
12. sai quase sempre] sai sempre A_2
13. mas nada o iguala] e nada orgulha A_1 , e melhor o louva] melhor o louva A_1 A_2
20. Leitores] Doutores A_1
25. Cuja arrogância a tanto] Cuja vã arrogância A_2
26. sinificações] definições A_1 A_2
27. têm melhor saída] têm a melhor saída A_1

Ao seu discurso muito pouco deve
Quem mostra no *ABC* que é erudito
30 E que estas letras são as de que escreve,
Sendo assunto comum e infinito.
Responder aos seus livros bem se atreve
Qualquer rapaz dos meus, e por escrito!
Mas porque logo aqui se lhe responda,
35 O Peido também tem letra redonda.

Se no Peido consiste a nossa vida,
E se a vida do Peido é dependente,
Faltou a vida em Peido definida,
Que o Peido à vida é mais conveniente.
40 A vida é Peido se não tem saída,
O Peido é vida quando sai contente,
E pelo Peido a vida é, num instante,
Por detrás Peido, e vida por diante.

Argumento da Obra

A B C D E F G H I L M N O P Q R S T V X Z

A
É o Peido natural de que tratamos,
45 Para prova de tudo que dizemos,
Árvore de que os traques são os ramos,
Átomo tal que só com um olho o vemos;
É *Ave* que sem tiro não caçamos,
Abismo em que de riso nos perdemos,
50 *Água* de trovoada, e é *Aurora*
Que por um olho mesmo ri e chora.

B
É *Banquete* de cousa já comida,
Posto que os pratos sejam mal cheirosos,
É *Bainha* em que sempre vai metida
55 A espada dos narizes mais mimosos;

29. mostra no ABC] mostra que no ABC A_1

30. estas letras são as] estas são as letras A_2

33. Qualquer rapaz dos meus] Qualquer dos meus rapazes A_2

35. Em A_1 segue-se o subtítulo: Oitava ao mesmo

42. num instante] um instante $A_1 A_2$

50. e é Aurora] e é da Aurora A_2

É *Barranco* em que certa está a caída,
É *Baile* de instrumentos, mas ventosos,
Em que todo o rojão é de assobio;
É *Barro*, porém *Barro de Bacio*.

C

60 É *Cárcere* em que tudo são fedores,
Cítara que apertada desafina,
É *Carreira* em que atrás vão os maiores,
É *Casa* em que ninguém co'a porta atina,
E fogem dela os mesmos moradores;
65 É *Cana* que com o vento abaixo inclina,
É *Censura* entre gente bem criada
E é *Carga* em todo o ventre bem pesada.

D

É *Desterro* cruel dos circunstantes,
Depósito fiel de todo o flato,
70 *Demarcação* das nalgas mais distantes,
Delírio do besbelho mais sensato;
Desacordo de quem dormia dantes,
Desafio da voz de qualquer gato,
Quando de dentro sai com voz cheia
75 E apertada no cu fica co' meia.

E

É *Espelho* de vidro embaciado,
É *Espinho* que as almoreimas pica,
Engodo para quem não tem cursado,
Empréstimo que em casa sempre fica,
80 *Estio* quando é seco ou vem molhado,
Estopa que arde e o fogo não publica;
É *Estrela* de rabo, ou é cometa,
Mas a sua influencia é mais secreta.

F

85 É *Fábula* que finge voz humana,
A quem já venerou a Antiguidade,

65. com o vento abaixo inclina] com o vento abaixa e inclina *A*₂

70. das nalgas] das nádegas *A*₁

80. ou vem molhado] ou bem molhado *A*₁

81. e o fogo] e fogo *A*₂

82. ou é cometa] ou cometa *A*₁

85. já venerou] lá venerou *A*₁ *A*₂

Folha que de papel rasgada engana,
Fio podre que quebra de humidade;
É *Flor* que pelo cheiro desengana,
Faísca a que qualquer ventosidade
90 Faz acender, e é *Feno* que arde logo;
É *Fantasma* sem ser, *Fumo* sem fogo.

G

É *Galé* quando dentro está forçado,
E se acaso se solta sai fugido;
É *Guerra* em que o nariz é o soldado,
95 Só do fumo da pólvora vencido;
Girândola de fogo tão calado
Que se acende depois de ter ardido;
É *Grimpa* de tão fácil movimento
Que aponta aqui e ali com todo o vento.

H

100 *Hospedagem* de pobres quando há frio,
Hospital, mas é só dos enjeitados;
É *Hora* de cagar dada em bacio,
Que tem quartos traseiros e atrasados,
Horror porque o lugar é mui sombrio;
105 É *História* de casos engraçados,
Porque faz rir e acaba com estouro,
Holocausto, pois sai como um touro.

I

É *Íris* que aparece em trovoadas
Por sinal de bonança aos flatulentos,
110 *Incêndio* cuja chama já apagada
Ainda faz fugir aos mais nojentos,
Inverno em tempestade desatada,
Porque sempre debaixo são os ventos,

92. está forçado] tem forçado *A*₂

93. sai fugido] vai fugido *A*₂

97. Que se acende] Que se sente *A*₁ *A*₂

98. É Grimpa] É Garimpa *A*₁

100. Hospedagem de pobres] Hospedagem melhor *A*₂

101. dos enjeitados] de enjeitados *A*₁

102. de cagar dada em bacio] quando se ouve no bacio *A*₁ *A*₂

106. com estouro] em estouro *A*₁ de estouro *A*₂

107. Holocausto] É Holocausto *A*₂, pois sai] porque sai *A*₁

110. Incêndio] Incenso *A*₂

115 *Jogo do cu e Ironia*, se bem noto,
E *Imagem* verdadeira de um arroteo.

L

Labirinto se há muitos circunstantes,
Porque ninguém acerta com a saída;
É *Lua* que também tem seus minguantes,
É *Laço* em que afogar-se pode a vida,
120 *Luz* cujo morrão fede aos mais distantes;
É recolhido às tripas grande *Lida*,
É *Luto*, pois talvez chora no cabo
E também porque [sempre] sai de rabo.

M

125 *Manhã* que quase sempre traz orvalho,
Miséria quando a fralda se salpica;
É *Moinho* de vento sem trabalho,
Maná que em tudo fede em má botica;
É *Música* que canta por atalho,
Mas dos papéis a letra não explica;
130 Na pressa com que sai é *Momento*,
E a toda a parte corre como vento.

N

É *Nau* que sai das costas com tromenta
E largando os traquetes faz viagem;
É *Noute* que fantasma representa,
135 É *Névoa* de que só faz mal a aragem,
É *Nuvem* negra, como se exp'rimenta,
Porque lança trovões, mas de passagem;
Neve, mas de sorvete ou limonada,
E porque é ar o Peido, o Peido é *Nada*.

114. Jogo do cu] Do cu *A*₁ *A*₂

115. E Imagem] Imagem *A*₁ *A*₂

116. se há muitos] a muitos *A*₂

117. ninguém acerta] nenhum lhe acerta *A*₁, com a saída] com saída *A*₂

118. tem seus minguantes] tem minguantes *A*₂

123. [sempre] sai de rabo] sai de rabo *A* sempre sai do rabo *A*₁ sai lá de rabo *A*₂. *A emenda é imposta pela métrica.*

128. que canta] que sai *A*₁ *A*₂

133. os traquetes] os traques *A*₂

134. que fantasma] que fantasmas *A*₁ que tantas sombras *A*₂

135. só faz mal a aragem] faz mal a vaporagem *A*₂

138. Neve, mas de sorvete] Neve de sorvete *A*₂

O

- 140 Do Sol da Índia o Peido é *Oriente*,
 E por isso não luz neste *Orizante*,
 Lá debaixo aos Antípodas é quente,
 Porque nasce entre um e outro monte;
 Órgão que vaza o vento de repente,
 145 Sem que ninguém o tanja nem aponte;
 É *Outono* no muito que semeia
 E é *Orvalho* se o cu tem diarreia.

P

- Primavera* de mal cheirosas flores,
 De várias tintas é fresca *Pintura*,
 150 Porque borradas se lhe vêm as cores;
 É *Pomo* que apodrece e podre dura,
Porta que abrem Senhoras e Senhores,
 Roncando-lhe a couceira e fechadura;
Péla que o vento vaza, mas no cabo
 155 É *Pó* que se levanta e *Pó Diabo*.

Q

- Questão* entre os narizes e os ouvidos,
 Mas sempre o nariz prova a consequência;
 É *Queixa* porque se ouvem os gemidos,
 É *Queda* que evitar pode a prudência,
 160 Mas mais perigo têm os mais sofridos,
 Pois no Peido também há continência;
 Se há peleja ou revolta na barriga,
 É *Quitação* que as tripas desobriga.

R

- É *Rio*, porém Rio de Cuama,
 165 Que de um olho entre montes nasce e corre
 E por suas cascatas tem mais fama,
 Mas não pode saber-se adonde morre;
 É *Raio* que nos altos mais se inflama,

144. o vento] o ventre A_2

145. nem aponte] ou aponte A_1

147. E é Orvalho] É Orvalho A_2

156. entre os narizes] entre o nariz A_1 , e os ouvidos] e ouvidos A_2

158. Quinhão em que têm parte dous sentidos A_1

159. É Queda] É Queixa A_1

166. suas cascatas] suas cataratas A_2

167. adonde morre] aonde morre A_1 onde morre A_2

170 É *Relógio* que cursa e mais discorre,
 É *Roda*, mas de traques *Roda viva*,
 É *Rosa*, mas é *Rosa* purgativa.

S

 É *Seta* que voando fere e mata,
 É *Sono* porque ronca fortemente,
 É *Sonbo* de cagar sem patarata,
175 É *Sombra* porque assombra a muita gente,
 Silogismo sutil que se desata
 E que se prova logo em continente;
 É *Sumário* de crimes muito atrozes,
 É *Solfa* porque faz todas as vozes.

T

180 É *Teia* que se rasga, cujo pano
 Tem só para fundilhos serventia;
 Teatro em que as figuras são engano,
 Transformação que faz a fantasia;
 É *Trânsito* perciso a todo o humano,
185 É *Tragédia* que tem a Poesia,
 De verso solto menos elegante,
 Porque Peido não acha consoante.

V

 É *Vestido* que em todo o corpo ajusta
 E de todo o nariz sai à medida,
190 *Vapor* do cu que com o fedor assusta,
 Vidro que para copo se convida,
 Vento cuja tormenta muito custa,
 Voç em todas as línguas entendida;
 E para desengano da verdade,
195 É o Peido das tripas *Vaidade*.

X

 É *Xara* porque corre velozmente,
 É *Xadrez*, jogo só [de] desenfado,
 E lhe quadra este jogo propriamente
 Porque o Peido de estômago danado
200 É Rei, a Bufa Dama, e juntamente

169. que cursa e mais discorre] porque cursa e discorre *A₁ A₂*

171. Rosa de Alexandria purgativa *A₁ A₂*

185. É Tragédia] É a Tragédia *A₁*

192. muito custa] pouco custa *A₁*

Os traques são Peões, e está ganhado
O jogo só com o *Xaque* aos circunstantes,
Pois sem esperar mate fogem antes.

Z

205 *Zizânia* de visitas em estrado,
Onde a dúvida faz desconfiança,
Pois negando que é seu quem o tem dado,
Na roda se enjeitou como criança;
É *Zunido* ao nariz que causa enfado,
210 *Zombaria* que não se estranha em França,
Zodiaco que os sinos toca em cheio,
E é *Zona* que o cu parte pelo meio.

201. Os traques] Os traquetes *A*₁

202. com o Xaque] com assistir *A*₂

204. Zizânia] É Zizânia *A*₁

VI. A PEIDOLOGIA DE DOMINGOS MONTEIRO

Ao contrário dos anteriores, este não é um texto inédito. Com efeito, dispõe de uma versão impressa, saída no Porto, em 1836. Desta edição não constava contudo o nome do autor, embora, de acordo com Inocêncio (II, 194), não restem dúvidas de que o poema pertence a Domingos Monteiro. Tivemos oportunidade de descobrir duas versões manuscritas desta obra, uma delas anónima e a outra atribuída ao poeta setecentista. Perante este elementos, pareceu-nos útil reeditar o texto a partir da versão impressa, anotando no aparato as divergências registadas nos testemunhos manuscritos.

Semelhante à que apresentámos no capítulo anterior, esta *Peidologia* abre com um soneto, que serve para a exposição do argumento da obra. Num cenário de folgedos carnavalescos entre os deuses do Parnaso, «Larga um PEIDO a belíssima Eufrosina», o que justifica a intervenção de Apolo, que pede aos circunstantes para ouvirem «do PEIDO as raras qualidades». Estas são também expostas sob a forma de *ABC* e em oitva-rima, de acordo com uma estratégia em tudo idêntica à do texto editado no capítulo V. Apesar disso, as definições de Monteiro são, em geral, mais felizes e originais, como se pode ver pelos seguintes exemplos: «*Arenga* que o cu traz sempre estudada»; «*Bacharel* que palma sem ter arte»; «*Diógenes* que sai da sua pipa»; «*E Epigrama* no breve do conceito»; «*Gasto* em que a gente pobre excede a rica»; «*Parágrafo* no meio da cagada/ *Ponto final* a grandes cagadores», «*Rapaz* que canta, e o cego é o traseiro», «*É Trombeta* do cu e seu correio».

Antes de terminar, importa notar que a versão manuscrita da BNRJ apresenta várias correções, que parecem resultar do confronto com a outra versão manuscrita (a da LC). Como é óbvio, ignorámos essas emendas.

É *Aula* em que se cursa, e é *Aurora*
Que quando ri no cu, na fralda chora.

B

É *Borrasca* do sesso quando é forte,
Bacharel que palra sem ter arte,
25 *Baixão* que tange o cu de toda a sorte,
Bando que o rabo deita quando parte;
É *Bombarda* que fere e não traz morte,
Bomba que estoura sem se ver a parte,
Barbeiro que ensaboa com bafio,
30 *Brejeiro* que dá senha de assobio.

C

É *Casquilho* que traz consigo o cheiro,
Cameleão que vive só de vento,
Chamariz para pulhas de arriero,
Calo que pregam a nariz nojento;
35 É *Criança de mama* no berreiro,
Carapeta de velho flatulento,
Capitão posto em frente da cagada
E *Censura* em senhora delicada.

D

É *Dobadoura* de cantar fanhoso,
40 *Dédalo* que saiu da escura tripa,
Desabafo do cu que está queixoso,
Dom de que todo o rabo participa,
Discurso d'Academia do ventoso,
Diógenes que sai da sua pipa;
45 É *Danado* que morde e vai marchando,
Desabafo que fede estoiro dando.

23. Borracha é do sesso, quando forte B

24. Bacharel] E Bacharel *A₁*, palra] parla *A₁* B

26. o rabo] rabo *A₁*

27. É Bombarda] Bombarda é B, não traz] não dá B

30. senha] senhas B

31. É Casquilho] Casquilho é B, o cheiro] cheiro B

32. vive só de vento] se sustenta em vento *A₁* B

35. É Criança] Criança é B

40. saiu] surdiu B

43. do ventoso] de ventoso *A₁* de ventoso B

45. É Danado] Danado é B, morde] fere B

46. que fede] que fere *A₁*

E

Um *Estilo* este é que todos temos,
 Nas rodas das senhoras *Enjeitado*,
Empréstimo de que paga não queremos,
 50 *Esperança* do que anda empanturrado,
Espirro a que com pragas respondemos,
Espinho em que alguns se têm picado;
 É *Encenso* inimigo de respeito
 E Epigrama no breve do conceito.

F

55 É Feudo que 'té paga a Majestade,
 Farsa que com risadas se festeja,
 Fábula que não tem realidade,
 E é Fortuna que não causa inveja,
 Fado de velha e Feição da idade,
 60 Farol que mostra aonde o baixo esteja;
 É *Fantasma* sem ser, sem chama *Fogo*,
Flor que apenas cheirada murcha logo.

G

É *Gago* que dá voz e não se explica,
Gaita em que o fôlego sai por baforada,
 65 *Gasto* em que a gente pobre excede a rica,
Glória humana que não dura nada;
 É *Garrida* de rabo que repica,
Gamão pelo estrondo da pancada;
 É *Galhofa* do cu, *Gíria* do sesso
 70 E para o tecto do nariz é *Gesso*.

47. Estilo d'explicar que todos temos *A₁* É um Estilo este que nós temos *B*

48. Nas rodas] Na roda *A₁* *B*

49. de que paga] que pago *B*

50. Esperança] E Esperança *A₁*

51. respondemos] se responde *A₁*

52. em que] com que *B*

53. É Encenso e inimigo do respeito *A₁*

54. E Epigrama] Epigrama *A₁* *B*

55. É Feudo] Feudo é *B*

57. realidade] moralidade *B*

58. E é fortuna] E Fortuna *B*, não] nunca *B*

59. velha] velho *A₁* *B*, e Feição] é Feição *A₁* afeição *B*

60. aonde o baixo] donde o baixo *A₁* donde o fado *B*

63. dá voz] tem voz *B*

64. baforada] bafaradas *A* baforadas *A₁*. *A* rima impõe a emenda daquilo que deverá ser uma gralha.

67. de rabo] do rabo *A₁* *B*

68. Gamão] É Gamão *B*

H

É *Humidade* que repassa tudo,
 Na seita dos perfumes *Heresia*,
Harpa de um som tocado sem estudo,
Horvalho que com vento só rocia,
 75 *História* breve e *Holocausto* mudo,
Hóspede que os vizinhos enfastia;
 É *Huivo* com requinte d'assobio,
 É *Hora* de cagar dada em bacio.

I

80 É *Javalí* que parte despedido,
 É pomposa *Ilusão* de um só momento,
Ira com que ninguém é ofendido,
Ideia vã sem voz nem pensamento,
Índex por onde o rabo é conhecido,
Juro que paga o cu que apanha vento,
 85 *Íris* que prognostica desempacho,
Imagem rouca de repique em tacho.

L

90 É *Labéu* se escapa à formosura,
 É *Logo* pela pressa com que abala,
 É *Lascívia* em que o cu acha doçura,
Lasca de raio se em calção estala,
Lobisomem que sai de parte escura,
Libelo contra os cheiros de Sofala,
Leigo forçado, pois ninguém o rapa,
Lei dos cus todos, 'té do cu do Papa.

M

95 É *Melro* que nos canta d'assobio,
Mensageiro de próxima cagada,
Mágico que obra por oculto fio
 E *Meteoro* que redundava em nada;

74. só rocia] se rocia B

77. com requinte] com requintes B

80. É pomposa] E pomposa A₁

82. nem pensamento] sem pensamento A₁

84. o cu que apanha vento] quem põe o cu ao vento A₁ o cu quando tem vento B

87. se escapa] se escapou A₁ que escapou B

89. É Lascívia em que o cu acha] É a Lascívia do cu que acha A₁ É Luxúria em que o cu acha B

90. de raio] de rabo A₁, se em calção] que em calção A₁ que na fralda B

98. E Meteoro] E é Meteoro B

100 *Mervê* que faz o cu em ar sombrio,
E no dia de purga é *Madrugada*;
Na pressa com que parte é um *Momento*
E *Mandarim* na região do vento.

N

105 É *Noctiluz* que brilha só no escuro,
Notícia de que a trampa faz viagem,
Nagácea para ventre que anda duro
E *Nódoa* no calção que traz aragem;
Negócio nem presente nem futuro,
Nvem que dá estalo e faz paragem,
110 É *Natural* do cu e sai de um monte,
É *Narciso* que morre ao pé da fonte.

O

115 É *Objecto* de pulha e de risada,
Obra que fazem mestres e aprendizes;
É *Ob-reptício* em qualquer cagada
E *Oposição* em todos os narizes,
Ofício que a saber não custa nada,
Oráculo que ocultas o que dizes;
É *Ode* que o cu faz em breve instante,
Das tripas o *Orador* mais elegante.

P

120 É *Pavão* no variado dos fedores,
Pantomimo de voz que não diz nada,
Princípio certo em grandes cagadores,
Parágrafo no meio da cagada,
Ponto final a grandes faladores,
Prazer que deixa a gente consolada;

99. em ar] com ar *B*

100. E em dia de purga *Madrugada* *B*

102. E *Mandarim*] E é *Mandarim* *B*, na região] nas regiões *A₁* *B*

105. *Nagácea* para ventre] *Negaça* para ventre *A₁* *Negaça* para o ventre *B*

106. que traz aragem] se traz aragem *A₁* se traz borragem *B*

107. É *Negócio* que acaba num monturo *A₁* *B*

108. dá estalo e faz paragem] dá estalo e faz passagem *A₁* dando estalo, faz passagem *B*

112. fazem mestres e aprendizes] faz o mestre e o aprendiz *B*

113. *Ob-reptício* em direito de cagada *B*

114. E *Oposição* a todos os narizes *A₁* *Oposição* ao cheiro do nariz *B*

115. a saber] aprender *B*

116. ocultas o que dizes] oculta o que nos dizes *A₁* oculta o que nos diz *B*

118. o *Orador* mais elegante] *Orador* muito elegante *B*

120. de voz que não diz] pois obra e não diz *B*

125 Para a tripa que o larga é uma *Perda*
E é o *Porteiro* que abre o cu à merda.

Q

É *Questão* entre os olhos e os ouvidos,
Querela se nas tripas há pendência;
É *Queixa* que depois traz seus gemidos
130 E *Qualidade* oculta na ciência,
Quadra em que os ventos baixos são subidos,
Quebranto que abre o vento com veemência;
Se há dúvida de vento na barriga,
É *Quitação* que os ventos desobriga.

R

135 É *Raio* que uma casa em breve corre,
Rã fanhosa do Rio de Cuama,
Razão do cu que grita e não discorre,
Resposta a impertinente que nos chama,
Relâmpago de ouvido que abre e morre,
140 *Rijão* que sabem 'té os cus de mama,
Rapaz que canta, e o cego é o traseiro,
Rumo do cu seguido pelo cheiro.

S

É *Sargento* das ordens da barriga,
Suspeita de que a tripa anda pesada,
145 *Saiidação* do rabo a mais antiga,
Surdina em cu de dama namorada;
É *Solitário* de uma só cantiga,
Sofisma d'ar que se reduz a nada,
Suspiro com que o ventre se alivia,
150 *Saudade* de cagar que principia.

T

É *Trovão* que anuncia caganeira,

125. é uma *Perda*] não é *Perda* *B*

131. em que os ventos baixos são subidos] em que os ventos baixos são sabidos *A₁* na qual os ventos são sabidos *B*

132. abre o vento] abate o sesso *B*

133. Se há dúvida de vento] E se há revolta dentro *B*

134. os ventos] o ventre *B*

135. em breve] em brasa *B*

138. Resposta a impertinente] Resposta impertinente *B*

139. de ouvido que abre] do ouvido que arde *B*

141. Rapaz que guia o cego do traseiro *B*

É *Tártaro* que fala e não s'explica,
Traição que faz à boca a voz traseira,
Tosse do cu que traz escarro e bica,
 155 *Testo* que prova que há vapor que cheira,
Tumulto em que ninguém ferido fica;
 É *Tufão* de que a fralda tem receio,
 É *Trombeta* do cu e seu correio.

V

160 É *Vanguarda* da tropa dos fedores,
Velhaco porque obra às escondidas,
 É *Veneno* do almíscar e das flores,
Vertedura das tripas escorridas;
 É mais *Velho* que os Galgos caçadores,
Vergonha das Meninas presumidas;
 165 É *Valido* dos reis que feijão comem
 E é tão *Velho* como o cu do homem.

X

É *Xofre* no repente com que berra,
 É *Xacoco* na voz que nada explica,
Xiste engraçado que ao nariz faz guerra
 170 E *Xaque* no xadrez que no cu fica;
 É o *Xarronco* vento, que da terra
 Só pelo cheiro mau o baixo indica;
 É o *Xáca* da Índia, ídolo antigo
 Que dá resposta por detrás do embigo.

Z

175 É *Zéjro* nas fraldas entertido,
Zângano que faz motim sem dar pancada,
Zarguncho que os narizes tem ferido
 E *Zote* palrador que não diz nada;
 É *Zombaria* para o que é polido,

152. É Tártaro] Tártaro A₁ Tartamudo B

154. Tosse do cu que traz escarro à bica A₁ É tom do cu que traz escarro à bica B

155. prova que há] prova haver B

157. Tufão] Trovão B

160. Velhaco] É Velhaco B

162. Vertedura] Vestidura B

165. feijão] feijões A₁ B

173. É o Xáca da Índia] É Xáca Indiano B

174. resposta] respostas B

176. Zângano que faz motim sem dar picada A₁ Zangão que bulha faz sem dar picada B

177. tem ferido] vem ferindo B

178. palrador] parlador A₁ B

180 *Zanguizarra* em viola abrejeirada;
 É *Ziguezigue* com que brinca o rabo,
 É o *Zénit* do cu; e aqui acabo.

181. É Ziguezigue] É o Ziguezigue *A*₁
182. É o Zénit] E é o Zénit *A*₁ É Zénit *B*

VII. LIRAS A CERTA DAMA que cantava de noute

por ambas as bocas

Sem indicação de autoria, este poema constitui o texto n.º 5 do Ms. I – 7, 12, 26 da BNRJ. Trata-se de um caderno que teve uma existência autónoma antes de ter sido incorporado no manuscrito a que hoje pertence. Os seus fólios não se encontram numerados, ocupando o texto do poema os cinco primeiros.

Apresentada como *liras*, a composição é formada por um total de 22 sextilhas, em que o decassílabo (vv. 2, 4 e 6) alterna com o seu quebrado, o hexassílabo, num esquema rimático do tipo *ABABCC*.

O poema não se encontra datado, embora seja possível supor – a partir da consideração da linguagem, da arte poética e de algumas referências históricas – que tenha sido escrito em finais do século XVIII ou inícios do seguinte. Glosando o tema tónico da largada de ventosidades no feminino, estas *liras* – sem revelarem especial mestria ou originalidade – apresentam contudo alguns motivos de interesse, a começar pela concepção do enredo: o poema é apresentado como relato de um *concerto* nocturno dado por um Ninfa *canora* a que alguns chamavam «Rouxinol de Alvalade» (bairro situado na periferia de Lisboa). Por outro lado, cruzam-se nele dois discursos: o daquele a que poderemos chamar narrador e o da personagem feminina, ocupando este metade das estrofes do poema e imprimindo ao relato um tom mais vivo que reforça a comicidade satírica. Reflectindo essas opções, a linguagem – menos *crua* do que aquela que tivemos oportunidade de surpreender em composições apresentadas anteriormente – surge pontuada por um metaforismo que aponta em duas direcções distintas, dependentes do enunciador. Assim, enquanto o narrador se refere à Ninfa como uma «Das Sereias do rio de Cuama» (v. 30) ou como «Sereia navegante/ Que dos traquetes larga o pano,/ Possuindo arrogante/ Chave-mestra dos ventos todo o ano» (vv. 31-34); a personagem feminina prefere as metáforas musicais, referindo-se ao órgão emissor das ventosidades como «alaúde» (v. 77), «realejo» (v. 93), «sacabuxa» (v. 96) ou «gaita-de-fole» (v. 114).

Antes de passar à transcrição do poema, importa ainda dizer que a nota que ele apresenta (identificada como ^a) é original.

Testemunho: BNRJ, Ms. I – 7, 12, 26, texto n.º 5 (an.)

Liras

A certa Dama que cantava de noute
por ambas as bocas

Quando em noute serena
O profundo silêncio prometia
Tréguas a qualquer pena;
Quando entre esquecimento parecia
5 Dormir toda a lembrança,
Segura de receio e de mudança;

Uma Ninfa canora,
Bisavó de Noé, passa velando
A noute de hora em hora,
10 Que há muito que lhe falta o sono brando,
Porque em tão tenra idade
Não dorme já por falta de humidade.

Canta seu sentimento,
A voz dentre as gengivas despedindo,
15 E com fanhoso acento
Os espaços da noute vai medindo,
Qual rã que em charco soa,
Qual húmido nariz quando se assoa.

Certo instrumento toca,
20 Secretário fiel de seu cuidado,
Que lá por certa boca
Como baixão se tange abemolado,
E de fonte Rabia
Acompanha a Ninfa a melodia.

De si mesma contente,
25 Presume ser Sereia e com seu canto
Encantar toda a gente;
A mim, que ouvinte fui do doce encanto,
Pareceu-me esta Dama
30 Das Sereias do rio de Cuama.

Sereia navegante
Que dos traquetes larga todo o pano,

Possuindo arrogante
Chave-mestra dos ventos todo o ano
35 E, dando sempre à bomba,
Acode à sua Nau quando se tomba.

Orfeu me parecera
Esta amorosa Ninfa que cantava,
Se de Orfeu não soubera
40 Que com sonoras vozes enfreava
Os bravos elementos;
Esta pelo contrário solta os ventos.

Pudera o sábio Grego
Também pedir de vento este odre cheio,
45 Para no largo pego
Navegar com mais vento e sem receio;
Mas creio que por podre
Não quis levar Ulisses este odre.

Houve certos autores
Que, enlevados em tanta suavidade,
50 Dando à Ninfa louvores,
Rouxinol a chamaram de Alvalade;
Mas eu, doutra maneira,
Disse que era Calhandro da Ribeira ^a.

Oh, quem pudera agora
55 Ir repetindo a letra doce e branda,
Que ouvindo a roxa Aurora
Parava do Oriente na varanda,
Desejando d'Ulisses
60 A cera para orelhas e narizes!

«Saí juntos de dentro
(Dizia a moça), meus suspiros todos,
E saindo dum centro
65 Bem podeis ir saindo por dous modos,
Pois por baixo e por cima
Faz melhor consonância a doce rima.

^a Era costume mui antigo dos habitantes desta Cidade mandarem lançar às praias, antes de amanhecer, em grandes boiões (vulgo calhandros), todas as imundícies que se juntavam de véspera, sendo as pretas quem comumente se ocupavam neste serviço – e um dos cais onde elas mais concorriam era o que hoje se denomina da Ribeira Nova ou Ribeira do Peixe.

«Saí, ventosidades,
 Que moinhos fazer podeis de vento;
 Dessas concavidades
 70 Brotai, saindo fora cento a cento
 E, com mil harmonias,
 Ide fazendo mil cacofonias.

«Ninguém notar pretenda
 75 Tanger eu com tal arte e confiança;
 E se houver quem repreenda,
 Escute embora em toda a vizinhança
 O som deste alaúde,
 Porque primeiro está minha saúde.

«Quem quer que assim me escuta,
 80 Ouvindo meu tanger atento e mudo,
 Se gostar desta fruta,
 Para que meu descante mais agudo
 Lhe possa entrar na orelha,
 Apertarei melhor a caravelha.

«Bem sei que alguém me espreita
 85 E, por ouvir a música acordada,
 Na cama se não deita,
 Pensando que não dou já fé de nada;
 Mas este olho abelhudo,
 90 Entre doces canções, dá fé de tudo.

«Ouço bem neste ensejo
 O brando som que lança com ruído
 Este meu realejo;
 95 Aplique, se quiser, todo o sentido,
 Enquanto solta a bucha
 Esta destemperada sacabuxa.

«Bem sei que de mosquete
 Parecerá o som desta guitarra;
 E se alguém de foguete
 100 Julgar estouro ser que se desgarra,
 Eu disto só me gabo,
 Que todos meus foguetes são de rabo.

«Enfim, quem quiser diga
 105 O que julgar deste meu canto ledó,
 Porque a tal rapariga

Já não convém durezas de penedo;
Sofra quem participa,
Que, enquanto sofre, a mim me folga a tripa.

110 «Tange, alegre instrumento,
Que por soar por dentro em voz tão fina
Em certo ajuntamento
Tiveste votos para confiança;
Se bem que por tão mole
Melhor te quadra ser gaita-de-fole.

115 «Tange com vozes várias,
Porque as que em outros são variedades
Em ti são necessárias;
Nem procures na voz ter igualdades,
Pois dizem mil pessoas
120 Que mais destemperado melhor soas.

«Tange enquanto te dura
A doce voz, a quem responde o eco,
E depois por ventura
Na botica do grande Jorge Seco;
125 Se houver quem lá te aplique,
Poderás passar praça de alambique.»

Muitas mais letras dava
A seu grave instrumento a Ninfa bela,
Mas eu, que atento estava
130 A meu cuidado mais que ao canto dela,
Em tons desgarrados
Isto lhe pude ouvir por meus pecados.